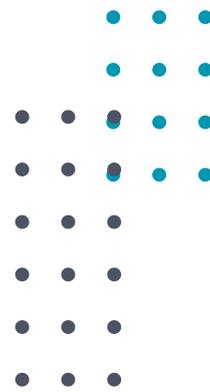


O PATRIMÔNIO IMATERIAL DAS COMUNIDADES DA BAIXADA SANTISTA



O QUE ESSE MATERIAL ABORDA?

APRESENTAÇÃO

1. O PATRIMÔNIO IMATERIAL DAS COMUNIDADES DA BAIXADA SANTISTA
 - 1.1 A COMUNIDADE DE CONCEIÇÃOZINHA
 - 1.2 A COMUNIDADE DE ILHA DIANA
 - 1.3 A COMUNIDADE CAIÇARA DA PRAIA DO GOES
 - 1.4 A COMUNIDADE DE SANTA CRUZ DOS NAVEGANTES
 - 1.5 A COMUNIDADE DE MONTE CABRÃO
 - 1.6 COMUNIDADES DA VILA E USINA DE ITATINGA
2. REGISTRO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
3. INVENTÁRIO DE BENS IMATERIAIS DA BAIXADA SANTISTA

APRESENTAÇÃO

Este material foi desenvolvido para contextualização do Patrimônio Imaterial das comunidades tradicionais levantado em diversos projetos de pesquisa realizados na Baixada Santista e detalhados no “Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural (Estudos Diagnósticos e Avaliação Estratégica). Regularização Ambiental do Porto Organizado de Santos. Municípios de Santos, Guarujá e Bertioga /SP” e no “Plano de Gestão do Patrimônio Cultural do Sistema Viário da Margem Direita do Porto de Santos, SP”.

O texto reflete a pesquisa realizada entre os anos de 2008 e 2014.

1. O PATRIMÔNIO IMATERIAL DAS COMUNIDADES DA BAIXADA SANTISTA

Para a região da Baixada Santista conta-se com grande volume de informações obtido em diversos projetos realizados, referentes ao patrimônio imaterial apresentado pelas suas comunidades tradicionais, aqui focadas nos povoados e núcleos de ocupação que vivem da pesca (artesanal, comercial). Esses estudos contêm dados sobre as duas comunidades caiçaras presentes na ADA e as 3 localizadas AID da área de estudo. Nesses trabalhos foram realizadas várias entrevistas com pessoas disponíveis durante as etapas de pesquisa e que registraram seus conhecimentos tradicionais.

- ❖ Conceiçãozinha (Guarujá) (ADA);
- ❖ Ilha Diana (Santos) (ADA);
- ❖ Praia do Goes (Guarujá) (AID);
- ❖ Santa Cruz dos Navegantes (Guarujá) (AID);
- ❖ Monte Cabirão (Santos) (AID).

Durante os trabalhos de campo foram também realizadas entrevistas com antigos pescadores artesanais da comunidade caiçara e funcionários antigos da CODESP (atual APS), cujos dados permitiram caracterizar e reconstituir a ADA, do ponto de vista da paisagem natural e antrópica antes das últimas expansões do Porto Organizado de Santos, bem como, acerca da História e funcionamento da Vila e Usina de Itatinga.

Na sequência apresenta-se uma síntese de cada uma destas comunidades.

1.1 A COMUNIDADE DE CONCEIÇÃOZINHA

A população desta área, hoje encaixada entre grandes indústrias locais e um extenso terminal e contêineres, está localizada na margem do Canal do Porto, na área Noroeste da Ilha de Santo Amaro, município do Guarujá. Hoje a comunidade tem cerca de 6 mil pessoas e encontra-se bastante descaracterizada da comunidade original que se manteve até cerca de 1973, quando existiam cerca 50 famílias somente, todas elas dedicadas à pesca artesanal. A presença de estrada, o amplo espaço disponível e a instalação de diversas indústrias na sua envolvente e um novo terminal portuário, contribuíram para a vinda de um grande número de famílias exógenas que procuravam trabalho na Baixada Santista na década de 70, 80 e 90, essencialmente.

Atualmente não existem mais pescadores artesanais que vivam da pesca de forma integral. Todos têm um trabalho paralelo ou fazem serviços diversos alternativos, tendo porém, o rendimento das suas atividades de pesca, que continua a ser o maior.

O local onde fica hoje a Conceiçãozinha teria pertencido a uma fazenda Jesuítica construída nessa área, segundo as fontes orais mais antigas. Os moradores mais antigos recordam que quando eram crianças chegava a Santos um barco por semana apenas. Há cerca de 50 anos atrás, a paisagem era limpa. A Igreja local era iluminada a lampião a gás, sendo que a eletricidade chegou na comunidade apenas há 20 anos atrás, aproximadamente, tendo chegado primeiro às indústrias locais do que à comunidade caiçara que ali já vivia há várias décadas.

Numa das extremidades da comunidade e área da Cargil, existia o antigo casarão do sítio J. Soares (Juca) que comercializava bananas para o Brasil e exterior. A mesma tinha na área um cais de madeira para embarque e desembarque de mercadoria. Nesse local, os últimos moradores foram o Sr. Davino e a Sra. Ângela e dona Tita que vendia querosene e bolachão. Um dos pescadores locais, com 57 anos hoje chegou a brincar na casa, quando criança. O imóvel entrou em ruínas há cerca de 40 anos atrás. A localização desse casarão era na Cargil, sendo que os restos construtivos encontrados nos níveis 7 a 9 do PT 19 dos trabalhos de campo da dragagem dos berços, soltos na camada, podem ter sido dele.

Durante os anos 80 e 90 houve um projeto denominado como “Rondon” que teve o intuito de estudar as comunidades caiçaras, sendo um dos membros da equipe era a Baronesa Stervinsk. Outro elemento, embora não da equipe foi Edimeia Ladivigue, que ajudou bastante a comunidade no reconhecimento da sua identidade e na luta pelas causas sociais da mesma.

Uma das principais dificuldades dos moradores da comunidade, depois da instalação das indústrias, começou a ser a posse da terra, por conta da especulação imobiliária nesse local da Conceiçãozinha, onde fica o pólo industrial e portuário do município do Guarujá. A partir de 1974 a comunidade começou a receber cartas para desocupar o terreno. Porém e, depois de muita conversação, pressão e um “acaso”, a situação da comunidade tornou-se legal a partir de 2009. Esse “acaso” diz respeito ao atual Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, o qual esteve na comunidade em 1980, tendo a associação de moradores sido organizada nessa data. Lula esteve na casa de dois entrevistados para agradecer à comunidade o apoio alimentar que a mesma deu aos metalúrgicos na greve de 1979 em São Paulo, tendo sido criado um vínculo entre ambas as partes. Nessa visita, Lula assinou um documento comprometendo-se a ajudar na posse da terra à comunidade local, caso viesse a ganhar as eleições desse ano. Já em 1993, Lula voltou à comunidade assinando um novo documento sobre a mesma questão. Dessa vez, Lula estava em campanha política para chegar a Presidente, disputando com Collor de Melo. Por fim em 2009, agora como Presidente da República concedeu a titularidade da terra aos moradores de Conceiçãozinha, cumprindo com a sua promessa. Lula veio nesse ano ao Guarujá para fazer a inauguração do PAC, mandando chamar representantes das diversas comunidades locais, entre os quais um representante da Conceiçãozinha, o Sr. Newton Gonçalves, o qual levou em nome da comunidade uma garrafa de licor artesanal de genipapo, tradicional da mesma.

O governo federal beneficiou com essa titulariedade 1702 famílias, num total de 5735 pessoas. Entre estas encontram-se agregados familiares que viviam em regime de aluguel na data do cadastro feito pelo SPU, em Setembro de 2006. O critério de atribuição do título foi o de viver na comunidade há pelo menos 5 anos, de forma efetiva. Essas pessoas irão receber um lote e ter a posse da terra. Hoje a Associação de Moradores local procura dar a cada uma das famílias constantes na lista, o título de propriedade.

Apesar das suas carências, a Conceiçãozinha é talvez hoje ainda uma das comunidades caiçaras mais tradicionais da região, com uma história rica em todos os sentidos, a qual tem sido escondida fisicamente (pelo pólo industrial) e denegrada moralmente por grandes interesses econômicos na área da comunidade. Os membros mais ativos têm essa certeza, referindo que a própria Media faz muita pressão e divulga uma má imagem da comunidade, por conta da pressão que as indústrias locais fazem nos meios de comunicação.

As páginas que seguem trazem alguns itens de patrimônio material e imaterial presente nesta comunidade.

❖ A arquitetura tradicional caiçara

Nos anos 60 do século XX além da praia, existiam apenas alguns caminhos e poucas casas de pescadores em madeira, praticamente todas elas palafíticas. Hoje, não foi identificada uma única casa tradicional em madeira e palafítica, que esteja de forma original. As poucas casas com elementos desse tipo de arquitetura popular tradicional da cultura caiçara existentes, encontram-se muito alteradas. As poucas que existem podem ser observadas na Rua Santo Antônio (ex.: casa de Ranulfo da UNIPESC) e na rua paralela anterior (ex.: casa de Newton) e na rua paralela posterior.

❖ Redes de pesca

Na comunidade, a rede mais utilizada é a “rede de emalhe” ou “rede de espera” como é conhecida popularmente. É constituída por uma malha de 7 mm, sendo que o peixe enrosca nela, daí o nome. Até há algumas décadas atrás, os pescadores utilizavam as redes de cordoné, tradicionais da cultura caiçara, feitas com fibras de côco, lã ou algodão. Uma das grandes vantagens é que essa rede era biodegradável, decompondo-se em 3 ou 4 meses depois da sua perda. Também não prende tartarugas ou siris. Já a industrial, feita de nylon (polietileno), dura cerca de 50 anos debaixo de água sem se decompor, continuando a prender e a matar peixes, bem como outro tipo de fauna (ex.: tartarugas). Estas redes industriais começaram a surgir na década de 70 do século XX e conquistaram inicialmente os pescadores artesanais já que era mais barata, resistente e mais rentável. Depois de implantada, a indústria dessas redes aumentou o seu preço e as comunidades ficaram reféns dessas redes, já que o conhecimento de confecção das redes artesanais havia-se perdido na passagem entre pais e filhos. Na UNIPESC têm um projeto em curso para a produção de redes artesanais em cordoné, visando começar a reinseri-las entre a comunidade local. Esse projeto foi baseado num semelhante existente no Rio Grande do Sul, onde existe a implementação de técnicas de pesca artesanais sustentáveis tais como a rede biodegradável ou o anzol sem ferpa para engatar. O projeto 1º emprego da UNIPESC está a ser realizado em parceria com a Universidade Católica de Santos e destina-se às crianças carentes da comunidade, sendo que cada uma ganha cerca de 140 reais, para aprender e desenvolver as redes biodegradáveis.

❖ Técnicas tradicionais de pesca

Uma técnica de pesca artesanal que era muito utilizada era a do *Trimbobó*, sendo que os pais dos moradores mais velhos, ainda pescavam dessa forma. A técnica de pesca noturna consistia em levar uma vara na popa e outra na proa da

canoa monóxila com a rede amarrada e esticada entre elas, fazendo uma espécie de saco. Com um *pifó* (bambu escavado por dentro), enchiam-no de estopa e querosene e produziam um archote que amarravam na proa da embarcação. Um conjunto de pessoas ia batendo no varejão das margens, com paus e latas, assustando os peixes que à noite ficam nessa área a comer. Com o barulho fugiam assustados e ao pularem, encadeados pelo archote, caíam na rede esticada. Hoje em dia ninguém utiliza mais esta técnica. De acordo um depoimento, essa era uma técnica indígena, embora os índios usassem esteiras entrançadas, pois não tinham rede. Já os caiçaras era com rede.

❖ A cultura imaterial: vinho de genipapo

De acordo com os entrevistados, o vinho de genipapo era tradicional na comunidade local. Existiam bastantes árvores de genipapo, mas em 1969 e 1970 foram sendo cortadas pelas famílias que vieram para viver no local e trabalhar nas indústrias. Na sua versão mais antiga e tradicional produzia-se o licor e a graspa a partir do fruto, o qual fermentava dentro de tinhas de madeira que traziam azeite e vinho da Europa e ficavam sem utilidade no Porto de Santos. Os frutos fermentavam com o bagaço da cana de açúcar. Graças à perseverança de um morador local, a tradição ainda não se perdeu. Pouco depois da sua chegada à comunidade, foi motivado pelos mais velhos que falavam que se fazia antigamente um licor de genipapo e que já não se produzia este. Assim sendo, o Sr. Manuel Pimentel recriou o licor com a sua esposa, adicionando açúcar e canela. O licor que produz chega a ter 20 a 22% de alcoolémia e nunca o fez para fins comerciais. Todo o ano produz, mas somente para consumo familiar e para dar a algum amigo. O licor é realizado entre os meses de Abril e de Junho. A forma de preparo começa por tirar a casca da fruta, deixando-se a mesma sobre uma peneira com um peso em cima para o ir esmagando devagar. Nesta versão não é adicionada a cana ou garapa, mantendo somente o genipapo. Por ser um fruto muito ácido e com muito álcool, é bom para produzir licor.

Prancha 1 - Comunidade da Conceiçãozinha



Entrevista do Sr. Newton Gonçalves, de 61 anos (aposentado) e do Sr. Ranulfo Filho, de 45 anos (pescador artesanal).

Entrevista do Sr. Manuel António Pimentel (barbeiro), de 72 anos.



Rede artesanal feita em cordoné (fibras naturais de coco, lã ou algodão), tradicional das populações caiçaras.

Licor feito com fruta de jenipapo, de tradição local. Feito artesanalmente pelo Sr. Manuel António Pimentel.



1.2 A COMUNIDADE DE ILHA DIANA

A população desta comunidade localizada na Ilha Diana tem cerca de 1.000 pessoas. Hoje, vivem da pesca artesanal de forma integral algumas dezenas de pessoas, entre homens e mulheres, número que tem vindo a diminuir gradualmente como em outras comunidades.

Pelo seu relativo isolamento, uma vez que é acedida unicamente por barco, esta comunidade mantém ainda parte das suas características caiçaras e a tranquilidade.

A comunidade encontra-se delimitada pelo rio Diana a Oeste e Norte, o final do Canal de Bertioiga a Sul e a ilha com suas gamboas a Leste.

Antes da chegada da comunidade caiçara o local era conhecido como Ilha dos Porcos por conta de um rapaz que na época criava porcos na beira da maré. Com a criação da comunidade há quase 70 anos, o local passou a ser designado como Ilha Diana devido ao rio que a contorna.

A dona Dina, falecida em abril/2011, era a última pessoa que pertencia aos primeiros moradores da Ilha Diana, deslocados do Saco da Embira quando da construção da Base Aérea.

A comunidade da Ilha Diana é aquela que, pelo seu isolamento, conserva um maior número de casas típicas da construção caiçara, em madeira, com telhados de 2 ou 4 águas, palafíticas. As páginas que seguem trazem alguns exemplares de patrimônio material e imaterial presente nesta comunidade.

❖ Embarcações

A embarcação local mais comum era a canoa monóxila, escavada com enxó e machado num tronco único. Eram comuns também as chatas, utilizadas também para transporte de passageiros. Hoje em dia, a comunidade usa as chatinhas para a pesca e as “voadeiras”, pequenas lanchas, para se deslocar nos canais, rios e gamboas.

❖ Redes de pesca

No Passado, as redes eram artesanais feitas de fio grosso, as quais eram banhadas em tinta feita da casca da Aroeira, para preservá-la. Essa tinta era oleosa e também era utilizada nas tarrafas, endurecendo a malha. Os mais antigos ainda sabem fazer redes e tarrafas artesanais. As duas técnicas para confecção de tarrafas artesanais são: a brasileira com 2 nós e a italiana com 1 nó apenas. Esta última é uma técnica mais rápida e fácil. Para realizar uma tarrafa de 13 braças (a maior), eram necessários cerca de 15 dias. Já a tarrafa de 9 braças, também popularmente chamada de “costeira”, levava menos dias a confeccionar.

❖ Técnicas artesanais de pesca

A pesca mais comum no estuário Santista há cerca de 60 anos atrás, era a pesca de cerco, a qual consistia em deixar um cerco montado nos remansos dos rios e canais, feito com bambu limpo na mão e a rede esticada. De acordo com os mais antigos, um único cerco carregava 2 a 3 barcos de peixe.

❖ O pescado tradicional

O tipo de pescado mais comum, era o Robalo, a Tainha, o Camarão Branco e o Camarão Sete Barbas. A tainha mais comum era a *Trarara*, a qual tinha ovas e era de grande dimensão. Porém, o robalo é escasso e a tainha quase não existe mais.

Prancha 2 - Comunidade da Ilha Diana



Trapiche de acesso à comunidade de Ilha Diana.

Casa caiçara recuperada de acordo com o traça arquitetônica tradicional.



Entrevista à Sra. Antônia Bettencourt de Sousa (Dina), de 93 anos (pescadora aposentada), uma das primeiras moradoras na comunidade de Ilha Diana. Na imagem, a dona Dina segura um retrato do seu falecido esposo. Falecida em abril/2011.



Dona Dina junto à sua segunda casa na Ilha, onde vive atualmente.



1.3 A COMUNIDADE CAIÇARA DA PRAIA DO GÓES

A população desta pequena enseada localizada na ponta Ocidental da Ilha de Santo Amaro, município do Guarujá, não excede as 150 pessoas. Apesar de se encontrar ao lado do Guarujá e à vista da cidade de Santos, a Praia do Góes e seus habitantes mantém ainda hoje uma calma e paz difíceis de encontrar nos núcleos habitacionais da região. Para isso foram e são ainda hoje decisivas as encostas do morro da Sangava e da Ponta da Barra que formam um anfiteatro natural o qual domina a enseada e o pequeno vilarejo a seus pés. A ausência de estradas e o acesso exclusivo por barco ou por trilhas pedestres ao longo das encostas, complementam o cenário de “isolamento” da população local, que mantém assim características únicas que importa preservar e valorizar da forma que ainda hoje subsiste. De ressaltar que, quando questionados sobre a questão dos acessos, os moradores foram unânimes ao afirmar que não pretendem ter qualquer outro tipo de via de comunicação terrestre que não as existentes, que na sua perspectiva traria mais malefícios do que benefícios.

De acordo com as informações recolhidas, a Praia do Góes, apesar de ser uma enseada natural da Ilha de Santo Amaro, foi conhecida durante vários anos como Ilha dos Pescadores devido ao seu isolamento natural. Esse topônimo denota também o tipo e o modo de vida da comunidade que ali se instalou ao longo dos tempos.

No povoado ainda existem alguns exemplos de arquitetura tradicional caiçara. São casas em madeira, com cobertura de uma ou duas águas sobretudo, algumas apresentando varanda elevada na frente, delimitada por pequena cerca de madeira (mais antigas) ou pequeno murete de cimento (mais recentes). Os exemplares mais antigos conservam ainda as suas características palafíticas, estando cerca de 30 a 50 cm acima do solo, devido à possibilidade de inundação pela maré ou pela água pluvial.

As páginas que seguem trazem alguns exemplos de seu patrimônio material e imaterial.

❖ Embarcações

Na comunidade as embarcações mais comuns e populares são a Barquinha, Bote ou “Chatinha”, feitas em madeira apresentando pequenas dimensões e um fundo chato. Ainda existem alguns exemplares em uso. Outra embarcação tradicional era a canoa monóxila, de que hoje não existem mais exemplares na Praia do Góes. A Barquinha era e ainda é utilizada sobretudo para a caça do polvo e coleta de camarão Sete Barbas, mas também para pescar com rede. Há já vários anos que utiliza propulsão a motor, sendo também empregada para a

travessia de passageiros e carga entre vários pontos do canal. Para o camarão Branco a embarcação é maior e de outro tipo, pois necessita sustentar a rede mais pesada e maior.

Após 6 meses de utilização, a “Chatinha” é retirada da água durante cerca de 3 dias, para dar manutenção do motor, casco, pintura, voltando após isso à água por mais 6 meses. Durante esta, o acostado é pintado com esmalte sintético ou outra tinta, sendo que o casco é pintado com a denominada “tinta envenenada” uma tinta especial, para afastar as pragas aquáticas. Antes da pintura, os orifícios e rachaduras da madeira são calafetados com estopa e massa corrida por cima, deixando-se secar durante um dia. No dia seguinte lixa-se e pinta-se a embarcação. Esta ação acontece porque ao final de 6 meses o efeito da tinta envenenada desaparece, permitindo o surgimento de “Buzano”, nome dada a uma espécie de cupim do mar que fura a madeira, para além da craca que começa a acumular-se no casco, danificando-o. Durante esses dias de manutenção, os pescadores não saem para pescar. Se a manutenção for bem feita e de forma periódica, uma embarcação deste tipo dura cerca de 15 anos.

As “chatinhas” praticamente já não são fabricadas, havendo um pequeno estaleiro no povoado vizinho de Santa Cruz dos Navegantes, onde ainda se produzem algumas.

❖ Técnicas tradicionais de pesca

Habitantes com 30 a 40 anos recordam que, à data da sua infância, todas as famílias da comunidade tinham o seu barco de pesca artesanal e que era comum a pesca ser realizada em conjunto. O ofício era ensinado de pais para filhos e hoje a maioria dos mais novos já não aprendem aquele, pois os próprios pais não vêem futuro na pesca artesanal. Até há 15 anos atrás ainda era comum observar algumas mulheres ajudando na faina da pesca, algo que hoje não acontece mais. Ajudavam a puxar as redes e a selecionar a tainha, de acordo com a sua dimensão, poupando as mais jovens de forma a manter o estoque natural dos cardumes locais.

Hoje, de acordo com as referências obtidas, apenas uma pessoa da comunidade se dedica por completo à pesca. A grande maioria dos restantes têm uma renda fixa num outro trabalho, sendo que muitos complementam a mesma mantendo paralelamente o ofício de pescador, por vezes apenas como complemento de subsistência familiar, sem fins comerciais.

Até há cerca de 30 anos atrás, como ainda pode ser observado em fotografias da época, a área central da praia era coberta por Jundu (mato rasteiro), onde os pescadores colocavam as redes para secar e para consertos. As redes utilizadas tinham 8 a 9 mm de espessura, sendo as antigas feitas com fio grosso feito de juta, tingido através de uma infusão feita com uma substância de uma casca de madeira retirada da Mata Atlântica.

Uma das técnicas tradicionais de pesca desta comunidade, para além das utilizadas na coleta de marisco e pesca artesanal da população caiçara da Baixada Santista, era a pesca da

tainha na própria enseada da praia. Como foi explicado pela comunidade, uma embarcação (canoa monóxila) saía junto a uma das margens e encostas da pequena baía, sempre de acordo com a direção do cardume (cabeça do peixe), de forma a ir contra o mesmo. Essa embarcação contornava por fora o cardume, largando uma rede amarrada a uma corda, cujas pontas ficavam no ponto de partida e no ponto final do trajeto, sendo essa ponta transportada até aí pela embarcação. No topo de uma das encostas, um vigia usando um apito ou um berrante, observava o cardume de tainhas na água outrora límpida da enseada, o qual nada próximo à superfície. Uma vez posicionado o cardume na rede, o vigia ou “espia”, como popularmente era designado, fazia soar o berrante avisando a comunidade para puxar as duas pontas da corda, arrastando a rede e o cardume com ela. A par dessa ação, várias canoas menores, equipadas de entrepara (pequeno mastro ao centro em bambu ao qual era amarrada uma rede, sendo aberta de forma triangular), ficavam no lado de fora da rede, para ajudarem a segurar as bóias da mesma em cortiça. A entrepara na pequena embarcação, servia para amparar as tainhas que saltavam para fora da rede, caíndo essas de novo dentro da mesma ou dentro da embarcação.

❖ O pescado tradicional

Para além de peixe, de onde se destaca a tainha, os pescadores da praia costumavam caçar polvo e coletar marisco junto ao costão rochoso, já em parte oceânica, entre o Morro do Sangava e a Ponta Rasa. Já em relação ao camarão, as espécies mais procuradas pela comunidade local eram e ainda são o Sete Barbas e o Branco. Esta polivalência de recursos permitia não apenas diversificar a renda familiar como, também, complementar a atividade econômica, uma vez que nem todas as épocas do ano era possível a coleta do camarão. Assim, o defeso do camarão (período de reprodução no qual é proibido a coleta), inicia-se a 1 de Março até 31 de Maio, durante 3 meses. Por outro lado, o defeso do caranguejo ocorre entre Novembro e Janeiro e o do marisco de Setembro a Novembro. Dessa forma permite-se uma pesca de cariz rotativo. Nesse período os pescadores registrados como profissionais na colônia (tipo de sindicato da categoria), recebem indenização do Governo para não pescar o camarão.

Prancha 3 – Comunidade da Praia do Góes.



Vista da chegada à Praia do Góes.



Pós ocupação da costeira rochosa.

Prancha 4 – Comunidade da Praia do Góes e trabalhos colaborativos.



Entrevista à Presidente da Associação de Moradores da Praia do Góes, a dona Andréia Barbosa do Prado.

Entrevista a um grupo de pescadores locais (Marcos e Fábio) na Praia do Góes, enquanto realizavam os reparos na sua "Chatinha".



Entrevista a Sra. Sônia Câmara, moradora local.

Entrevista ao Sr. Leo Câmara, profundo conhecedor da comunidade e filho mais novo de Vasco Câmara que foi o fundador da "Sociedade Melhoramentos e Amigos da Praia do Góes".

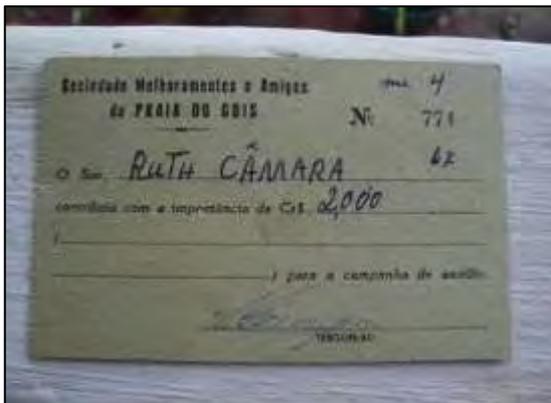


Prancha 5 – Documentos antigos disponibilizados pela Comunidade



Foto da família do Sr. Vasco Câmara, fundador da "Sociedade Melhoramentos e Amigos da Praia do Góes", o qual veio morar para o local em 1959. Observa-se a sua moradia, comprada a um pescador local, conservando na época a varanda com cerca de madeira.

Foto da liturgia celebrada no oratório de sapé dedicado a Nossa Senhora de Aparecida, na década de 60 do século XX, o qual foi obra da Sociedade criada pelo Sr. Vasco Câmara.



Recibo da década de 60 do século XX, passado a Ruth Câmara, esposa do fundador, pela sua contribuição para uma campanha de auxílio.

Correio Militar da Guerra Constitucional de 1932, escrito pelo Sr. Vasco Câmara à sua esposa Ruth, durante o período em que combateu, tendo-se dado como voluntário.



Certidão de Nascimento Portuguesa do Sr. Vasco Câmara, nascido em 1905 na cidade do Funchal (Ilha da Madeira, Portugal), o qual com cerca de 18 anos foi viver para Santos.

Prancha 31 – Embarcações



Aspecto geral de uma "Chatinha" tradicional da Praia do Góes, durante o período de manutenção da mesma.

Trabalhos de manutenção (calafetagem) de uma "Chatinha" tradicional da Praia do Góes.



Rede de pesca em juta estendida sobre o Jundu (mato rasteiro) e estacaria que existia ao centro da Praia do Góes(foto da década de 60 do século XX).

Exemplar muito degradado de canoa monóxila como as que eram utilizadas pela comunidade caiçara da Praia do Góes, até há cerca de 40 anos atrás. Este exemplar encontra-se na Colônia de Pescadores junto ao Forte de Itapema (Guarujá, SP).



1.4 A COMUNIDADE DE SANTA CRUZ DOS NAVEGANTES

A população desta enseada localizada junto à Ponta do Forte, na área Ocidental da Ilha de Santo Amaro, município do Guarujá, chega hoje a vários milhares de pessoas. Apesar de se encontrar ao lado da comunidade da Praia do Goes, separadas unicamente por um morro, esta comunidade encontra-se um pouco descaracterizada da comunidade original que se manteve até há 40 anos atrás, quando a comunidade vivia isolados. Viviam no local cerca de 10 famílias somente e todas tinham como forma de sustento a pesca artesanal. Existiam por volta de 30 pescadores. Atualmente existem cerca de 400 pescadores artesanais. A presença de estrada, o espaço disponível e o local privilegiado e abrigado, logo após o início do Canal do Porto, contribuíram para a vinda de um grande número de famílias exógenas que procuravam trabalho na Baixada Santista na década de 70, 80 e 90, essencialmente.

De acordo com as informações recolhidas, a praia de Santa Cruz dos Navegantes era designada como Praia da Pouca Farinha.

Os mais velhos comentam que até 1953 não existia água potável na comunidade, tendo esta chegado neste ano com a construção do chafariz público, onde os populares tomavam até banho. Até essa data as famílias iam buscar a água no morro mais próximo que tinha uma nascente, carregando-a em vasilhas na cabeça. A escola da comunidade, no tempo em que estudavam, funcionava no Forte da Barra. A professora de nome Josefina, era transportada num barco a remos, vinda de Santos e a escola manteve-se ali até à década de 1960. Até essa data a travessia entre Santos e a Praia da Pouca Farinha era realizada num barco a remos. Na comunidade existia o Sr. Barnabé, o qual tinha algumas embarcações que utilizava para atravessar pessoas e não cobrava nada. Este senhor foi tão importante que a praça principal se chamava Praça Barnabé e não Praça do Mercado como é hoje conhecida. A catraia de travessia foi implantada na década de 70 do século XX.

Até finais dos anos 70 toda a comunidade se conhecia. Porém, na década de 1980 começaram a chegar muitas famílias do Nordeste para trabalhar nas indústrias locais e na construção civil, instalando-se por toda a área.

O símbolo da comunidade é o chafariz da povoação. Este foi mandado edificar em 1953 por Dona Noquinha, moradora local e por Modesto Roma que foi Presidente do Santos Futebol Clube. A água que o abastecia vinha da Nobara. O chafariz foi recuperado em 2006, mas hoje o seu espaço encontra-se degradado.

No que se refere à arquitetura tradicional, nos anos 60 do século XX existiam apenas poucas casas de pescadores em madeira, praticamente todas elas palafíticas. A cerca dessas casas era feita com redes velhas de pesca e murões de madeira. Hoje, foi apenas identificada uma casa tradicional em madeira e palafítica, a qual se encontra em avançado estado de deterioração.

O texto que segue traz alguns exemplares do patrimônio material e imaterial desta comunidade.

❖ Embarcações

Os barcos artesanais, denominados botes, podem ter até 9,80 m de comprimento. Normalmente dispõem apenas de um toldo (*torda*) em madeira para proteger do Sol. Estes são utilizados em alto mar. São feitos inteiramente em madeira e são construídos na comunidade, por vezes pelos próprios pescadores. Um homem sozinho leva cerca de 8 meses a construir um bote desses, trabalhando 7 dias por semana das 06:00 às 20:00/21:00 e dispendendo cerca de R\$ 60.000,00 em materiais de construção e equipamentos. Na maioria dos casos o pescador artesanal não dispõe de equipamentos de navegação como radar, bússola, sonar ou outro equipamento, uma vez que o rendimento mensal é muito baixo.

Além dos botes também existem as chatinhas, utilizadas para capturar mexilhão na costeira da rocha durante o defeso do camarão. Boa parte da comunidade já não utiliza a chamada tinta envenenada, uma vez que contamina a água e o pescado. Hoje é comum a utilização do Neutró, um gênero de pinche natural feito com base em óleo de linhaça, sem toxinas. A duração deste produto é de 3 a 4 meses, não permitindo que a craca se cole no casco da embarcação.

Um tipo de barco que já não existe mais na comunidade era o de fundo redondo, utilizado para apanhar peixe.

As canoas monóxilas eram utilizadas na costeira, área natural do costão rochoso entre a Ponta do Sangava e a Ponta Grossa, sendo que também já não existem mais.

❖ Técnicas tradicionais de pesca

A pesca à linha é bastante utilizada na comunidade para a pesca da garopa. Já o processo de pesca do camarão, no bote, é feito da seguinte forma:

1. Abre os *Trongones* (ferros laterais) que permitem sustentar os *aparelhos* (redes), um de cada lado, amarrados pelos cabos;
2. Passar sobre os locais do camarão com o bote;
3. Recolher a rede com ajuda do guincho ou manualmente.

Este tipo de técnica artesanal, apenas permite saber a quantidade do pescado, quando iça as redes. Utiliza-se o *trainete*, que é um tipo de sonda manual (um ferro) que se coloca no aparelho para ter uma ideia aproximada da carga capturada. Assim, quando se puxa o trainete e ele vem com 7 a 10 caroços de camarão, fica-se a saber que a rede está com 5 a 6 kg de camarão.

Outra técnica que se utilizava era a pesca de arrasto feita com 2 barcos artesanais, puxando o *Aparelho* (rede de arrasto), a qual já não se utiliza.

Na pesca de cerco, também inexistente hoje em dia por ser proibida pelo IBAMA, eram utilizadas as canoas monóxilas para puxar a rede. Numa das canoas íam 3 homens e na outra apenas 2. O cerco era armado na costeira entre as pedras, ficando preso por cabos às rochas.

❖ O pescado tradicional

Os principais pescados da comunidade são: o Camarão 7 Barbas (típico de água salgada), a Corvina e a Pescada. O caranguejo é mais coletado no Mangue e pelas comunidades de Ilha Diana e Monte Cabrão, havendo poucos que se dedicam a esse ofício em Santa Cruz dos Navegantes. Há algumas décadas atrás o peixe era tanto que por vezes tinham que abrir o cerco para soltar uma parte, de acordo com os entrevistados. Não existia tanta demanda por peixe e não havia gelo para conservar o mesmo.

A comunidade conta que antigamente existia um Entreposto, em Santos, localizado entre a balsa de automóveis e a ponte dos práticos, onde todos os pescadores podiam levar o seu peixe e vender diretamente ao público. Havia no local trapiches de madeira para as embarcações acederem, mas hoje o local foi aterrado.

Num bom dia de pesca um pescador artesanal consegue 40 a 50 kg de camarão, porém o normal é fazer 30 a 35 kg.

Prancha 6 – Comunidade Santa Cruz dos Navegantes



Entrevista ao Sr. Orlando Coelho da Silva, morador local com 82 anos.

Botes de pesca artesanal. Entrevista ao Sr. Brás Roberto dos Santos (Neca), pescador artesanal, proprietário e construtor do bote.



Única casa de tipologia caiçara identificada em Santa Cruz dos Navegantes, encontrando-se em mau estado de conservação.

Chafariz ofertado à comunidade por Dona Noquinha, em 1953.



Prancha 7 – Aspectos gerais, Praia Santa Cruz dos Navegantes



Praia da Santa Cruz dos Navegantes (Pouca Farinha) vista do canal.



Praia da Santa Cruz dos Navegantes (Pouca Farinha) vista do canal.

1.5 A COMUNIDADE DE MONTE CABRÃO

A população desta comunidade, localizada junto ao Monte homônimo sobranceiro ao início do Canal de Bertioga, na área continental, município de Santos, não passa atualmente das 1200 pessoas.

Há cerca de 50 anos atrás a comunidade era formada por cerca de 10 a 12 famílias e praticamente todas viviam da pesca artesanal. Hoje são cerca de 100 pescadores que vivem somente da pesca no estuário, diminuindo o número de pescadores de ano para ano.

Na década de 60 do século XX existia uma linha de transporte de passageiros por barco que fazia a ligação entre Santos (Alfândega) e a Bertioga, através do Canal de Bertioga, servindo as comunidades caiçaras ao longo do canal. Existiam duas grandes lanchas com capacidade para 30 pessoas cada uma. Uma saía de Santos e outra iniciava na Bertioga, no mesmo horário (07:00, 12:00 e 17:00). Esta linha funcionou até 1971 ou 1972, data em que foi realizada a rodovia Piaçaguera e o transporte começou a ser terrestre.

Pela sua localização algo isolada, a comunidade mantém ainda as suas raízes tradicionais, porém, a presença de estrada e o local privilegiados e abrigado, logo após o início do Canal de Bertioga, contribuíram para a vinda de um grande número de famílias exógenas que procuravam trabalho na Baixada Santista na década de 70, 80 e 90, essencialmente.

No que se refere à arquitetura tradicional, não foi identificada nenhuma casa tradicional em madeira e palafita.

O texto que segue traz alguns exemplares de patrimônio material e imaterial desta comunidade.

❖ Artesanato

Na comunidade existe uma senhora que faz artesanato em garrafas PET. Também existem algumas mulheres que se dedicam ao “fuxico” (trabalho com retalhos de tecido) e a artesanato com escamas de peixe.

❖ Festas

O padroeiro de Monte Cabrão é o São Pedro, padroeiro dos pescadores, sendo realizada a festa no dia 29 de Junho, com barracas e bolos, em frente à igreja local. As receitas revertem para a Sociedade de Melhoramentos local. Outra data comemorativa é a de 23 de Julho, data do bairro de Monte Cabrão.

1.6 COMUNIDADES DA VILA E USINA DE ITATINGA

Durante os trabalhos de campo foram realizadas entrevistas a funcionários antigos da CODESP, cujos dados permitiram caracterizar e reconstituir a História e funcionamento da Vila e Usina de Itatinga.

As obras de construção da Usina iniciaram-se em 1905, tendo sido inaugurada a 10 de Outubro de 1910. Logo, para a época, foi um empreendimento grande, já pensando no futuro. O grupo já havia pensado na expansão do porto e até hoje a Usina tem função estratégica, mesmo sendo uma PCH.

Na década de 1920 a Usina alimentava a cidade de Santos que, à época, compreendia Bertiooga e Guarujá. Então, em 1927 houve uma grande crise de energia elétrica na Grande São Paulo. Para solucionar a mesma, foi feito um “linhão” e a Usina de Itatinga chegou a fornecer 5 MW/hora enquanto não se resolvia a crise.

Efetivamente, a usina é uma PCH que produz 15 MW e tem uma linha de transmissão de 30km, entre a Vila de Itatinga e o Porto de Santos com passagem pelos postos Fazenda, Caiubura, Caetê, Monte Cabrão e Torre Grande, que é uma derivação da margem esquerda. Depois, faz a travessia do canal do estuário, com 15 ou 20 metros de domínio, até a subestação principal do porto, que é a central elétrica em Santos.

A operação na represa é de 24 horas. O lago artificial encontra-se encaixado no topo do vale e Serra do Mar. Para suprimir as necessidades durante a estiagem, eram colocadas no barramento, uma paliçada de madeira, fazendo com que a barragem subisse 90 centímetros. Isso ocorria entre os meses de Junho, Julho e Agosto. As pranchas de madeira são colocadas dentro de uma calha que tem no barramento, encaixando como um sanduíche, passando uma tábuca pela outra. Nas juntas entre as tábuas são colocados perfis metálicos que dão a consolidação da paliçada.

Entre o barramento e a câmara de água, no topo da Serra do Mar, existe um canal adutor de aproximadamente 3 km, que conduz a água até essa caixa. O canal é todo coberto em pedra para proteger de queda de árvores e de deslizamentos de terra ou pedra.

Depois, por gravidade, o canal leva a água até a “câmara móvel”, onde há dois tanques que somam aproximadamente 700 m³ de água. Cada um tem uma comporta para cada tubo, com grade para filtrar a água. Tem o camarim, que é uma câmara longitudinal, que interliga os cinco tubos. Existem duas câmaras com separador para fazer limpeza de fundo e tem limpeza de superfície com a água sobrando.

No ponto de 640 m de altitude, onde se localiza a câmara, inicia-se um trecho de dutos forçados composto por cinco tubos de aço fundido de 900 mm de diâmetro interno e 2 km de extensão. São 4 trechos com 900, 800, 700 e terminando com 600 mm. Os dutos estão apoiados em 64 maciços, o primeiro próximo à câmara d'água e o último perto da casa de válvulas. As estruturas menores são os maciços de apoio. A construção é de perda argamassada. Esses cinco dutos trazem a água até a casa de válvulas, que é a entrada para a casa de força, onde estão instalados cinco geradores. Ali funciona a turbina Pelton de origem alemã e o gerador GE.

Para fazer o transporte de pessoas e principalmente materiais entre a Vila e o barramento, foi construído um funicular, puxado por cabos de aço, içados em 6 segmentos, cada um deles equipado por um guincho. O seu trajeto acompanha de forma paralela o conduto forçado. Inicialmente, os guinchos funcionavam a vapor, tendo após a construção da usina passado a funcionar a eletricidade. Porém a estrutura é a mesma, ou seja, os guinchos são os ainda os originais.

Outra alternativa ao funicular eram as mulas, dirigidas por tropeiros. Elas faziam o transporte entre a Vila e a câmara d'água, onde depois eram despachadas novamente para a Vila. Esse procedimento foi feito até mais ou menos 1984. De acordo com fontes orais, existia o tropeiro, que tomava conta dos animais e o ajudante. Quando havia necessidade de mais mantimentos, vinham dois burros, com cavalo e com tropeiro. Essa atividade ocorria terça, quinta e sábado.

Quando a CODESP assumiu, muita coisa mudou nos transportes. A viagem do rebocador deixou de ser todo dia e passou a ser 1 vez por semana, depois de 15 em 15 dias e, posteriormente, 1 vez por mês. A estrada Rio-Santos inaugurou em 1985 mais ou menos, e isso fez com que o transporte de materiais tenha ficado mais fácil, o que também diminuiu a frequência do rebocador, que por viagem gastava cerca de 200 litros de óleo diesel.

O texto que segue traz alguns elementos de patrimônio cultural na área da Usina Itatinga, com destaque para bens paisagísticos ligados a fatos e “causos” curiosos.

❖ *Rocha dos 4*

As fontes orais dizem que quando construíram a Usina de Itatinga, uma rocha se despreendeu e a dinamite não explodiu. Então, foram dois marreteiros e dois na broca para perfurar e colocar outra carga de dinamite. Só que, nessa perfuração, eles atingiram a dinamite que não havia explodido. Com o impacto, ela finalmente explodiu e morreram os 4. Por isso esse trecho é conhecido como “a rocha dos quatro”.

❖ *Pedra da onça*

Nesse local da trilha pedestre, segundo os antigos, morreu eletrocutada uma onça pintada, há muitos anos atrás, uma vez que ali há um ponto de apoio da linha de transmissão que leva energia aos alojamentos localizados ao longo da trilha.

❖ *Volta Grande*

Nesse local da trilha pedestre, segundo os antigos, quem passava por ali costumava encontrar uma aparição de um padre tocando um rebanho de perus. Para evitar esse encontro, os trabalhadores cortavam caminho para não ter que passar por ali.

Prancha 8 – Comunidade de Monte Cabrão



Capela católica da comunidade em honra ao padroeiro São Pedro



Pequeno estaleiro na comunidade, albergando diversas chatinhas.



Artesanato local feito em PET, por uma senhora da comunidade.

Prancha 9 - Patrimônio Histórico Móvel.



Redes de pesca artesanal em nylon (Seamento 1).



Guindaste móvel do Posto Fazenda, o qual está hoje fixo no cais e permite a carga e descarga de mercadorias entre os vagões de carga e o batelão (Segmento 5).



Bonde elétrico o qual faz o transporte de passageiros e puxa outros atrelados de mercadorias, entre o Posto Fazenda e a Vila de Itatinga (Segmentos 5 e 6).

Uma das diversas locomotivas a vapor ("Itapema"), que puxavam os vagões de cargas e passageiros na Vila de Itatinga e Posto Fazenda (Segmento 6).



Cadinho de fundição em ferro fundido, utilizado para derreter as broas de chumbo, o qual é utilizado nos reparos do conduto forçado (Segmento 8).

2. REGISTRO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL

As páginas que seguem trazem as fichas de registro de Patrimônio Imaterial desenvolvidas durante o Programa.

FICHAS DE PATRIMONIO IMATERIAL

Projeto	Regularização do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Aílton Teixeira da Conceição	Idade	40
Especialização	Pescador Artesanal		
Investigador	Pedro Narciso / João Simão	Data	31/05/2011

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	1
Município / Local	Santos / Neves de Fora		
Coordenada UTM Datum WGS84	23K 0363618 / 7355910		

Elementos Patrimoniais Detetados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ¹						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
-	Embarcações tradicionais				X			Não
-	Técnicas de Pesca Artesanal					x		Não
23K 0362847 7355853	Capela de Nossa Senhora das Neves	X						Não
23K 0363866 7356183	Complexo Arqueológico das Neves (Olaria ?, Engenho, Casas, etc.)	X						Não
Próximo a 23K 0363003 7355940	Ruínas do lagedo	X						Não ?
23K 0364066 7354488	Batelão de Ferro		X					Não
-	Causo do Português e os Escravos nas Neves					X		Sim

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo foi entrevistado o senhor Aílton, pescador artesanal que vive sazonalmente nas Neves de Fora. Questionou-se sobre o seu conhecimento acerca elementos patrimoniais na região, bem como sobre as mudanças na paisagem.</p> <p>Sobre a sua vida O entrevistado trabalha como pescador artesanal como meio complementar da renda ou quando não possui serviço, recorrendo à pesca como subsistência. Quando consegue trabalhar, normalmente é em obras como ajudante geral. Vive em Santos mas costuma ficar alojado nas Neves de Fora quando está a trabalhar na pesca, ficando ali por períodos de 1 a 2 semanas. Durante a conversa, Aílton contou que é natural de Jandaíra, Bahia e que veio para a Baixada Santistas com 7 anos de idade, mais precisamente para Santos, com o irmão mais velho e os avós. Todos vieram para trabalhar e infelizmente anos mais tarde, o irmão acabou por se tornar toxicod dependente. Este, esteve preso durante 14 anos e acabou por falecer na prisão. A avó faleceu em Santos e o avô acabou por morrer em Poços de Caldas (MG), durante o tratamento.</p> <p>Sobre as Neves de Fora De acordo com Aílton, o Sr. "Nelinho" foi o último habitante do local, o qual ainda ali morava em 1986, quando o entrevistado foi pela primeira vez nas Neves de Fora.</p> <p>Sobre o ofício da pesca Durante a vida em Santos, os avós dedicaram-se sempre à pesca artesanal, tendo o entrevistado aprendido esse ofício ainda na Bahia, enquanto criança. Em Santos, pescava tanto com eles como com vizinhos.</p> <p><u>Embarcações tradicionais</u></p>

¹ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

O entrevistado disse que a sua embarcação é uma chatinha de madeira, com motor de centro, a qual lhe foi doada. Atualmente está em Santos num estaleiro de manutenção, para trocar as folhas de madeirite do casco, que estavam muito velhas.

Para a sua manutenção periódica, o entrevistado disse que é comum dar-se um banho de resina na parede externa do casco e também por dentro, puxando-se em seguida o barco para fora de água, para ficar em área seca. Esse ritual acontece diariamente, evitando a craca na embarcação, sendo que hoje em dia já não pode ser utilizada a tinta envenenada.

Técnicas de pesca

O entrevistado informou que na Bahia pescava com rede de arrasto e anzol de espera, na beira do rio. Além disso dedicava-se também a catar caranguejo e mexilhão.

Já em Santos, o comum é a utilização de rede de espera e tarrafa para capturar peixe e tarrafa e jerivá para capturar camarão.

Pescado

O entrevistado disse que o pescado mais comum na Baixada é o Peixe Espada, o Paraty, o Bagre, a Corvina e a Tainha. Além disso, nos crustáceos, é comum pescar Camarão Sete Barbas e Camarão Branco.

O pescado que faz, vende normalmente para a comunidade do bairro Rádio Clube, em Santos, onde vive, conseguindo cerca de 10 a 12 reais o quilo do camarão.

Sobre sítios arqueológicos

Desde a infância até aos dias de hoje, o entrevistado disse que é comum ele e os amigos explorarem o mato e o mangue, na região das Neves. Foi assim que encontraram a capela das neves (Neves 3) e as ruínas do engenho (CAN). Segundo ele, também existem ruínas antigas depois de um lajedo de água próximo ao sítio Neves 1.

Sobre naufrágios

De acordo com o entrevistado, no Largo de Santa Rita, em frente às Neves de Fora, existe um antigo batelão naufragado, feito a rebites e ferro. Encontra-se tapado pela lama, mas durante a maré vazia o mesmo aflora, vendo-se a proa.

Sobre causos locais

O entrevistado ouviu falar aos antigos que na capela das Neves existia um português que judiava dos escravos. Posteriormente, como vingança, um grupo de escravos adquiriu querosene e tocaram fogo no português, sendo que esse desceu o morro em chamas.

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Dragagem de Aprofundamento do Canal de Navegação, Bacias de Evolução e Berços de Atracação do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Andreia Barbosa do Prado	Idade	38
Especialização	Presidente da Associação dos Moradores da Praia do Goes		
Investigador	Pedro Narciso / Eduardo Staudt	Data	21/01/2010

Localização				
Estado	São Paulo		Segmento	4
Município / Local	Guarujá / Praia do Goes			
Coordenada UTM Datum SA69	23K 0366267 / 7345275			

Elementos Patrimoniais Detetados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ²						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
	Chatinhas				X			?
23K 0366465 7345365	Fortim da Praia do Goes	X		X				Não

² AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

Entrevista

Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns elementos da comunidade de pescadores da Praia do Goes, pela equipe de arqueologia de forma a questionar-se sobre o seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.

Sobre a Praia do Goes

A entrevistada é natural de Santos, vivendo desde a infância na Praia do Goes. Recorda que há 15 a 20 anos atrás, a praia apresentava uma maior extensão do seu areal (cerca de 10 m mais de extensão), mas com o tempo foi diminuindo. De acordo com Andreia, a causa deste avanço do mar deve-se às dragas que operam no canal de navegação de acesso ao Porto de Santos, as quais vão retirando sucessivamente os sedimentos submarinos, arrastando com o tempo, os sedimentos mais distantes do canal dragado.

A Praia do Goes, apesar de ser uma enseada natural da Ilha de Santo Amaro, era conhecida como Ilha dos Pescadores devido ao seu isolamento. Apesar dessa toponímia, com exceção do seu esposo, ninguém mais vive somente da pesca, necessitando de fontes de renda alternativas.

Sobre a pesca artesanal

A entrevistada recorda que na sua infância, todas as famílias tinham o seu barco e era comum pescar em conjunto. O pescado era trazido na rede e na praia, a própria comunidade puxava a mesma e colhia os peixes, tudo realizado de forma artesanal.

Para além de peixe, os pescadores da praia costumavam caçar polvo e coletar marisco junto ao costão, já em parte oceânica. Porém, na sua opinião devido ao aumento da poluição local produzida pelo aumento do tráfego naval, já quase não existe polvo ou camarão. Recorda ainda que na sua infância era comum coletar-se dois tipos de marisco ainda comuns, o Berbigão e a Ostra, os quais desapareceram por completo na região.

O seu esposo mantém o modo de vida tradicional, pescando camarão Sete Barbas e o Branco, essencialmente, de acordo com a entrevistada.

Quando indagada sobre as embarcações típicas, a entrevistada comentou que a Barquinha ou Chatinha é o barco de madeira mais utilizado, apresentando pequenas dimensões e um fundo chato. Era e ainda é, apesar de em reduzido número, utilizado para a pesca do polvo e marisco.

Fortim da Praia do Goes e outros vestígios arqueológicos

A entrevistada, para além das ruínas de alvenaria do muro de pedra existente, na encosta, nunca viu ou ouviu falar de outros vestígios arqueológicos na Praia do Goes ou costão, apesar de já ter ouvido falar de sambaquis da Baixada Santista.

Em relação ao Fortim, Andreia informou que a primeira casa sobre o bem histórico foi edificada há cerca de 30 anos. Nessa data, uma derrocada destruiu a habitação de um morador e a Marinha do Brasil, detentora da Praia do Goes, autorizou a edificação do primeiro imóvel sobre as ruínas do fortim. Logo em seguida, outras famílias começaram a fazer as suas casas de forma clandestina, aproveitando o piso existente todo feito em pedras de cantaria quadrangulares e aproveitando a matéria-prima ou parte da estrutura existente para incorporar nas suas casas.

De acordo com Andreia, há cerca de 5 anos a Prefeitura do Guarujá iniciou um processo para retirar as casas dessa encosta, as quais estão sobre o Patrimônio Histórico Edificado, alegando tratar-se de uma zona de risco.

Sobre a Associação dos Moradores da Praia do Goes

A entrevistada é Presidente da Associação dos Moradores da Praia do Goes, estando no início do segundo e último ano do mandato. O cargo é ocupado por uma pessoa da comunidade, eleita em Assembleia Geral por um mandato de 2 anos.

A anterior presidência e gestão da Associação foi destituída por irregularidades fiscais, tendo sido ela a pessoa que verificou as mesmas e denunciou.

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Dragagem de Aprofundamento do Canal de Navegação, Bacias de Evolução e Berços de Atracação do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Antônia Betencourt de Sousa (Dina)	Idade	93
Especialização	Aposentada. Antiga pescadora, bordadeira, costureira, etc..		
Investigador	Pedro Narciso / Douglas de Moraes	Data	18/02/2010

Localização

Estado	São Paulo	Segmento	-
Município / Local	Santos / Ilha Diana		

Coordenada UTM <i>Datum</i> SA69	23K 0366856 / 7354526
--	-----------------------

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ³						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
-	Pesca Artesanal					X		Não
-	Redes e Tarrafas Artesanais				X			Não
-	Pratos típicos					X		
-	Causo dos espíritos da Ilha Diana e do Lobisomem do Saco da Embira					X		Sim
23K 0366839 7354532	Casa Caiçara			X				Sim

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns elementos da comunidade de pescadores de Ilha Diana, pela equipe de arqueologia de forma a questionar-se sobre o seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.</p> <p>Sobre a sua vida A entrevistada comentou que é filha de portugueses e vive atualmente com uma filha de nome Celina, sendo que todas as pessoas a conhecem como Dina. Nasceu na Santa Casa de Santos e foi criada no Saco da Embira, junto à base aérea de Santos. O seu esposo, falecido, chamava-se Norberto de Sousa, tendo sido casados durante 47 anos e nunca tendo discutido. Ele era catarinense e terá falecido na Bertioga, tendo morrido de AVC por conta do esforço dispendido durante um trabalho. Não tiveram filhos biológicos, tendo adotado seis (4 homens e 2 mulheres). A dona Dina casou com 16 anos, tendo ficado noiva aos 15 anos, com o seu esposo de 26 anos. De acordo com a entrevistada, o falecido marido trabalhou sempre para procurar dar tudo a ela. O seu filho mais velho chama-se Hélio de Oliveira França e também vive na Ilha Diana, onde é dono de um pequeno restaurante. Moraram em São Sebastião durante 2 anos antes de vir para Santos novamente. O esposo trabalhou para Áurea Conde, uma das mulheres mais ricas da Baixada Santista, a qual era dona de extensos bananais. O salário era pouco, para poder criar seis filhos, tendo o esposo pedido um aumento à patroa. Ela concordou, mas o sobrinho da mesma não quis, tendo a única solução sido procurar outro trabalho. A entrevistada contou que o seu padrasto, anos depois da sua mãe falecer casou com uma das filhas da Dona Dina (neta adotiva), sendo ainda hoje vivo e tendo 96 anos. Ele terá vivido com a sua mãe durante 26 anos sendo que ela seria uma senhora muito bonita. A entrevistada informou ainda que apesar de católica, é espírita e media, uma vez que vê espíritos. De acordo com ela, esse dom e os ensinamentos relacionados receberam e aprenderam do avô. Contou que uma vez pressentiu que a balsa que atravessa o canal do porto ficaria à deriva e sofreria um acidente, estando ela a bordo. Como tal, recusou-se a entrar, mas como não podia ficar sozinha, entrou. Já na travessia, a balsa sofreu um acidente e todas as pessoas presentes ficaram admiradas com o dom dela.</p> <p>Sobre a Ilha Diana A dona Dina é a última pessoa que pertence aos primeiros moradores da Ilha Diana. Quando fizeram a base aérea, tiraram as pessoas do Saco da Embira, tendo as mesmas sido indenizadas. Foram alojadas na Ilha Diana, há pouco mais de 60 anos, tendo vindo ela, o esposo, a mãe e o padrasto. Desde a sua chegada na Ilha, viveu em 3 casas. A primeira não existe mais, tendo o filho mais velho construído a casa dele e o restaurante no local da mesma. A segunda casa ainda existe e a terceira, onde vive atualmente foi acrescentada a segunda nos fundos desta. De acordo com a entrevistada, a Ilha Diana era conhecida antes da vinda dela e família como Ilha dos Porcos por conta de um rapaz que na época criava porcos na beira da maré e, segundo ela, nem sabia criá-los. A dona Dina informou que atualmente existem mais mosquitos na região.</p> <p>Sobre a pesca artesanal A dona Antônia informou que trabalhou no Mangue na cata do marisco e do caranguejo durante cerca de 20 anos. O seu esposo não queria a ajuda dela, mas ela sempre o ajudou em todas as tarefas. De tanto trabalhar, a dona Dina queimou a mão no Mangue. Quando trabalhava, chegava a encher 5 latas de querosene de marisco por dia e cerca de 1000 caranguejos.</p> <p><u>As áreas de pesca</u> Um dos pontos de pesca mais recente, desde os anos 70 é a nova foz do Rio Sandi, junto à foz do Rio Diana, sendo comum pescar-se de cerco nessa área. Um bom local para a coleta de marisco era também a Praia Areão na Ilha Diana.</p> <p><u>As redes caiçaras</u></p>

³ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

As redes eram artesanais feitas de fio grosso, as quais eram banhadas em tinta feita da casca da Aroeira, para preservá-la. Essa tinta era oleosa e também era utilizada nas tarrafas, endurecendo a malha. A dona Dina informou que sabia e ainda sabe fazer redes e tarrafas artesanais. Conhece duas técnicas de confecção de tarrafas: a brasileira com 2 nós e a italiana com 1 nó apenas. Esta última foi-lhe ensinada por uma italiana, sendo uma técnica mais rápida e fácil. A dona Dina aprendeu a fazer tarrafas com a sua mãe e ambas vendiam aquelas para outros pescadores. Para realizar uma tarrafa de 13 braças (a maior), eram necessários cerca de 15 dias. Já a tarrafa de 9 braças, também popularmente chamada de "costeira", levava menos dias a confeccionar.

O Pescado

O tipo de pescado mais comum, no tempo dela era o Robalo, a Tainha, o Camarão Branco e o Camarão Sete Barbas. A tainha mais comum era a Trarara, a qual tinha ovas e era de grande dimensão.

As embarcações

De acordo com a entrevistada, a embarcação local mais comum era a canoa monóxila. Esta era escavada com enxó e machado num tronco único. Também era comum as chatas, que eram utilizadas também para transporte de passageiros. A dela tinha um motor de centro.

As técnicas

A pesca mais comum no estuário Santista há cerca de 60 anos atrás, era a pesca de cerco, a qual consistia em deixar um cerco montado nos remansos dos rios e canais, feito com bambu limpo na mão e a rede esticada. De acordo com a Dona Dina, um único cerco carregava 2 a 3 barcos de peixe.

Sobre a cultura caiçara

A dona Dina informou que os pratos típicos dos caiçaras são:

1. A Sopa de Camarão, realizada com a cabeça do camarão e o corpo descascado. A cabeça é espremida e misturada assim na sopa para dar o gosto;
2. O Azul Marinho, o qual a entrevistada confecciona de forma diferente. Ela usa bagres maiores, retira as partes pretas do peixe, coloca a marinar em vinagre, alho esmagado e sal. Usa a banana nanica madura, em vez de verde como na receita tradicional. Corta as pontas da banana e coloca na travessa. O bagre é cozido primeiro e no final a banana é colocada sobre o peixe, com azeite por cima. Por fim, cobre-se com um Angu feito de farinha de mandioca. Essa forma de Azul Marinho, a dona Dina aprendeu com a mãe.

Sobre sítios arqueológicos

A dona Antônia informou que o avô dela vivia num local denominado como Morrinho, provavelmente o local do sítio arqueológico. Nesse local ele plantava café e outros cultivos não faltando nada. Era um homem muito trabalhador e de acordo com a entrevistada ele viveu no tempo da escravidão. Ele era negro e a avó era branca.

A entrevistada recorda que na Praia do Areão, na Ilha Diana, quando era criança viu uma bandeja feita de palha enterrada na areia que era dos índios. Porém não se recorda de ter visto índios na região.

Sobre causos

A dona Antônia informou que existe uma senhora de meia idade, que se veste de branco, que passa de dia entre a casa dela e da vizinha, por vezes. Segundo ela, trata-se do espírito de alguém. Contou ainda que se recorda quando era mais nova de ver dois homens na Praia do Areão, caminhando no ar, flutuando sem os pés no chão.

Por fim, a Dona Dina comentou que no Saco da Embira onde ela foi criada, existia um Lobisomem. Contou que quando ficou com a família na casa de um amigo, uma semana antes de ir viver para São Sebastião, viram a criatura. Segundo o seu relato, a sua mãe ficou num quarto e ela na sala porque os cômodos eram pequenos. Para se chegar à mesma existia uma escada com cerca de 20 m de extensão. Os cachorros latiram para uma criatura peluda, maior do que eles, no terreno em frente a casa. Esta sentiu-se acuada e recuou para a área da casa, subindo as escadas. O padraço dela, com um pequeno mastro de embarcação, bateu na criatura até essa cair das escadas, gritando. Na manhã seguinte observaram o local onde tinha caído aquele ser, observando um cacho de cabelo loiro e fezes humanas. De acordo com a Dona Dina, existia no Saco da Embira, um rapaz muito pálido, loiro e que não falava com as pessoas. A comunidade em geral dizia que ele era lobisomem.

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Dragagem de Aprofundamento do Canal de Navegação, Bacias de Evolução e Berços de Atracação do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Brás Roberto dos Santos (Neca)	Idade	44
Especialização	Pescador		
Investigador	Pedro Narciso / Wilson Marinho	Data	10/02/2010

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	-
Município / Local	Guarujá / Santa Cruz dos Navegantes		
Coordenada UTM Datum SA69	23K 0367200 / 7345264		

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ⁴						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
-	Pesca Artesanal					X		Não
-	Sambaqui no estaleiro	X						Sim
-	Navio antigo (Canais 3 e 4)		X					Sim
-	Navio antigo próximo à ponte de praticagem da Pouca Farinha		X					Sim

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns elementos da comunidade de pescadores de Santa Cruz dos Navegantes, pela equipe de arqueologia de forma a questionar-se sobre o seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.</p> <p>Sobre Santa Cruz dos Navegantes O entrevistado comentou que há cerca de 30 anos atrás existiam por volta de 30 pescadores, sendo Santa Cruz uma comunidade muito pequena com poucas famílias. Atualmente existem cerca de 400 pescadores artesanais, ou mais um pouco até.</p> <p>Sobre as transformações na paisagem Segundo Brás, os trabalhos constantes de dragagem do Canal do Porto, têm transformado a paisagem sendo isso bem visível na Praia do Goes, cujo areal tem desaparecido de ano para ano. Esses trabalhos têm feito derrocar o Canal 6, na margem de Santos, uma vez que as dragas ao retirarem os sedimentos, descalçam as margens. O entrevistado recorda-se que quando era criança, o Canal do Porto era pouco largo, sendo possível ouvir o que uma pessoa falava, estando na margem oposta. O Sr. Brás informou que o Rio Icanhema tem um afluente denominado como Rio da Missa.</p> <p>Sobre a Associação Litorânea da Pesca Extrativista Classista do estado de São Paulo O Sr. Brás informou que através da Associação de Pescadores da Baixada Santista, procurou ter um subsídio para comprar o óleo mais barato. O seu bote gasta até 40 litros de óleo por dia. Na sua opinião, as Colônias de Pescadores existentes não fazem nada pelos pescadores artesanais, chegando a segurar o dinheiro das indenizações que cada pescador tinha direito por ficar parado durante o defeso. Durante esse período o governo paga a cada pescador artesanal um salário mínimo, porém tem que pagar à Associação a quota e ter os documentos atualizados. Deduzindo as contas a pagar, manutenção e outros gastos necessários acabam por ficar com cerca de 1000 reais para os 3 meses, sendo muito pouco como sublinha o Sr. Brás.</p> <p>Sobre a pesca artesanal De acordo com o entrevistado, aprendeu o ofício com o pai, aos 9 anos de idade. O seu pai também já havia aprendido com o seu avô e atualmente os seus filhos, também já o ajudam, tendo iniciado com 9 e 10 anos de idade.</p> <p><u>A rotina diária</u> O entrevistado informou que todo o dia sai para o mar por volta das 2 a 3 horas da noite, ficando por vezes até as 18h00min, sem vir a terra nesse período. Quando a pesca está fraca, volta mais cedo para casa. Durante a faina, o Sr. Brás conduz o bote maior e o seu filho mais velho o bote menor e mais antigo.</p>

⁴ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

As áreas de pesca

O conhecimento das melhores áreas de pesca passa de pai para filho segundo o Sr. Brás e também pela experiência ganha durante o ofício.

As áreas melhores de pesca são na Barra, desde o Forte de Itaipu até ao Farol da Moela. Na opinião do entrevistado a área onde depositam as lamas das dragagens são muito próxima às áreas de pesca, sendo que as correntes arrastam lixos e lodos para a costa, contaminando as águas e perdendo redes. Há vários anos atrás existia mais peixe, sendo que hoje tem menos e o pouco que tem é mais dividido.

Segundo Brás, as traineiras que fazem pesca industrial, pescam também nas áreas da pesca artesanal, promovendo uma escassez do pescado e uma competição injusta.

Os pescados

Os principais peixes pescados são o robalo em pouca quantidade, a corvina e o camarão 7 barbas, típico das águas salgadas. O camarão branco é mais escasso. O caranguejo é mais coletado no Mangue e pelas comunidades de Ilha Diana e Monte Cabrão, havendo poucos que se dedicam a esse em Santa Cruz dos Navegantes. O polvo quase não tem no costão e barra, uma vez que é capturado em alto mar pelos armadores mais poderosos. A ostra também já não existe na Barra, costão rochoso e Canal do Porto.

Na sua opinião, o Sr. Brás diz que num bom dia de pesca, consegue 40 a 50 kg de camarão, porém o normal é fazer 30 a 35 kg. Vende depois a cerca de 3,50 a 4 reais o quilo, não tendo quase lucro. O entrevistado informa que os clientes acabam por comprar ao intermediário por 9 e 10 reais o quilo, sendo caro e na maioria das vezes velho, porque o vendedor raramente coloca o camarão fresco à venda no próprio dia.

As embarcações

Os barcos artesanais podem ter até 9,80 m de comprimento. Normalmente dispõem apenas de um toldo para proteger do Sol.

O Sr. Brás possui dois botes artesanais com *Torda* (toldo), em madeira. O maior é mais recente, tendo apenas 3 meses e o menor com 7 anos. Ambos os botes se chamam "BJB", as iniciais dos seus três filhos: Bryan, Jeferson e Bruno. O bote maior e mais recente foi realizado por ele, tendo levado 8 meses a construir, 7 dias por semana das 06:00 às 20:00/21:00. Investiu 60.000 reais, tendo apenas o motor custado 16.000 reais. Trata-se de um motor X10, que gasta 8 litros de diesel a cada 2 horas de navegação.

Na sua embarcação, o entrevistado comenta que não tem radar, bússola, sonar ou outro equipamento que auxilie na navegação. Apenas tem um rádio VHF que a Capitania obrigou a ter para pedir socorro em caso de emergência. Sublinha ainda que pelo celular ele consegue falar facilmente para terra e pedir apoio.

No seu bote tem ainda um guincho para ajudar a puxar a rede, mas não funciona bem e acaba por puxá-la à mão. Além dos botes, também tem uma chatinha, a qual utiliza para capturar mexilhão na costeira da rocha, durante o defeso do camarão. O entrevistado foi questionado quanto ao uso da denominada tinta envenenada, porém informou que a mesma já não é utilizada uma vez que contamina a água e o pescado. Ele utiliza Neutró, um gênero de pinche feito com base em óleo de linhaça, sem toxinas. A duração deste produto é de 3 a 4 meses, não permitindo que a craca se cole no casco da embarcação.

As técnicas

A pesca à linha é utilizada para pescar a garopa. No bote, o Sr. Brás comenta que o processo de pesca é feito da seguinte forma. Primeiro abre os *Trongones* (ferros laterais) que permitem sustentar os aparelhos (redes), um de cada lado, amarrados pelos cabos. Este tipo de técnica artesanal, apenas permite saber a quantidade do pescado, quando iça as redes. Utiliza o *Trainete* que é um tipo de sonda manual (um ferro) que ele coloca no aparelho para ter uma ideia aproximada da carga capturada. Assim, quando puxa o trainete e ele vem com 7 a 10 caroços de camarão, fica a saber que a rede está com 5 a 6 kg de camarão.

Sobre sítios arqueológicos

O Sr. Brás referiu a existência de um Sambaqui, dentro da comunidade num local onde foi edificado um estaleiro naval.

Quando abordado acerca de naufrágios, o Sr. Brás disse saber que existe um navio naufragado entre os canais 3 e 4, que trazia vinhos na sua carga e que é antigo. O mesmo encontra-se no rumo da bóia de navegação. Outro naufrágio encontra-se perto da ponte da praticagem da Pouca Farinha, antes da foz do rio Icanhema. De acordo com os mais velhos é um barco antigo.

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Dragagem de Aprofundamento do Canal de Navegação, Bacias de Evolução e Berços de Atracação do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Celina Campos de Oliveira	Idade	84
Especialização	Do lar		
Investigador	Douglas Morais / Wendel Souza	Data	22/01/2010

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	4
Município / Local	Guarujá / Praia do Goes		
Coordenada UTM Datum SA69			

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ⁵						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns elementos da comunidade de pescadores da Praia do Goes, pela equipe de arqueologia de forma a questionar-se sobre o seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.</p> <p>Sobre a Praia do Goes A entrevistada comentou que durante a sua juventude, o areal da praia estendia-se cerca de 20 m além do máximo atual, para a frente em direção à saída da enseada. Também nesse tempo, as encostas não estavam arborizadas como estão hoje, estando boa parte sem árvores. Para estudar, todos iam de canoa para Santos, necessitando atravessar o canal, o que levava cerca de 10 minutos.</p> <p>Sobre a pesca artesanal A Dona Celina recorda que a pesca da tainha era realizada na própria enseada da Praia do Goes. No alto dos dois morros que encerram a Praia (Ponta da Barra e Morro do Sangava), existia um "espia" (vigia), que alertavam sobre a entrada e a saída do cardume de tainhas na enseada abrigada. Lembra que nos tempos de sua infância, quando a maré ainda era recuada, procuravam na areia "tariova", "rosquinha" e "sacuaritá".</p> <p>Fortim da Praia do Goes Sobre o fortim, a entrevistada referiu que existia uma casa, há muitos anos atrás, onde se cuidava dos "bixigueiros".</p>

⁵ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Dragagem de Aprofundamento do Canal de Navegação, Bacias de Evolução e Berços de Atracação do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Durval Mateus dos Santos	Idade	70
Especialização	Dono do Bar do Durval / Ex-caseiro no Sítio do Inglês		
Investigador	Pedro Narciso / Wilson Marinho	Data	12/02/2010

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	-
Município / Local	Santos / Monte Cabrão		
Coordenada UTM Datum SA69	23K 0369329 / 7354080		

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ⁶						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
-	Pesca Artesanal					X		Não
-	Festa do Padroeiro São Pedro (29 Junho)					X		?
-	Festa de Monte Cabrão (23 Julho)					X		?

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns elementos da comunidade de pescadores de Monte Cabrão, pela equipe de arqueologia de forma a questionar-se sobre o seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.</p> <p>Sobre Monte Cabrão O entrevistado chegou a Monte Cabrão em 1960. Recorda que nessa época existia uma linha de transporte de passageiros por barco que fazia a ligação entre Santos (Alfândega) e a Bertioga, através do Canal de Bertioga, servindo as comunidades caiçaras ao longo do canal. Existiam duas grandes lanchas com capacidade para 30 pessoas cada uma. Uma saía de Santos e outra iniciava na Bertioga, no mesmo horário (07:00, 12:00 e 17:00). Esta linha funcionou até 1971 ou 1972, data em que foi realizada a rodovia Piaçaguera e o transporte começou a ser terrestre. Quando chegou, há 50 anos atrás, o entrevistado comentou que existiam apenas 10 a 12 famílias no local e praticamente todas viviam da pesca artesanal. O padroeiro de Monte Cabrão é o São Pedro, padroeiro dos pescadores, sendo realizada a festa no dia 29 de Junho, com barracas e bolos, em frente à igreja local. As receitas revertem para a Sociedade de Melhoramentos local. Outra data comemorativa é a de 23 de Julho, data do bairro de Monte Cabrão.</p> <p>Sobre a pesca artesanal O Sr. Durval comentou que hoje ainda existem 15 a 20 pescadores que vivem somente da pesca no estuário. A pesca varia conforme a época do ano e a temporada: robalo, camarão, caranguejo. Na comunidade, existem cerca de 10 a 12 pessoas do Rio de Janeiro que vive da coleta de caranguejo no Mangue.</p>

⁶ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Regularização Ambiental do Porto de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Itamar Barbosa Gonçalves	Idade	60
Especialização	Engenheiro da CODESP		
Investigador	Pedro Narciso e João Simão	Data	07/06/2011

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	-
Município / Local	Bertioga		
Coordenada UTM Datum SA69			

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ⁷						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
	Maçãos dos dutos			x				
	Guindastes	x						
	Barragem			x				
	Dutos	x						
	Túnel			x				
	Cachoeiras						x	

Entrevista

⁷ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

Durante os trabalhos de campo foi entrevistado seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.

Sobre sua vida

Itamar iniciou na CDS em 1975 e foi para a Usina de Itatinga em 1988.

Sobre o sistema de captação, adução e transformação da água e sobre sistema de distribuição de energia

Existe um canal adutor de aproximadamente 3km que parte da barragem. O canal é todo coberto em pedra para proteger de queda de árvores e de outras pedras. Depois, por gravidade, o canal leva a água até a “câmara móvel”, onde há dois tanques de aproximadamente 700m³. Há operação 24h nas represas, ou seja, nas comportas. No ponto de 640m de altitude, inicia-se um trecho de dutos forçados: cinco tubos de aço fundido de 900mm de diâmetro interno em 2km de extensão. São 4 trechos, 900, 800, 700 e terminando com 60mm. Esses cinco dutos trazem a água até a casa de válvulas, que é a entrada para a casa de força, onde estão instalados cinco dos geradores. Lá estão a turbina Pelton alemã e o gerador GE. A usina produz 15MW e tem uma linha de transmissão de 30km até o Porto de Santos com passagem pelos postos Fazenda, Caiubura, Caete, Cabrão, Torre Grande, que é uma derivação da margem esquerda. Depois, faz a travessia do canal do estuário, com 15 ou 20 metros de domínio, até a subestação principal do porto, que é a central elétrica em Santos.

Sobre o empreendimento e crise de energia em 1927

A Usina alimentava a cidade de Santos que, à época, compreendia Bertioga e Guarujá. Então, em 1927 houve grande crise de energia elétrica na Grande São Paulo. Foi feito um “linhão” e a Usina chegou a fornecer 5MW/hora enquanto não se resolvia a crise

Logo, para a época, foi um empreendimento grande, já pensando no futuro. O grupo já havia pensado na expansão do porto e até hoje a Usina tem função estratégica, mesmo sendo uma PCH.

Sobre maciços de ancoragem nos dutos

São 64 maciços, o primeiro próximo à câmara d’água e o último perto da casa de válvulas. As estruturas menores são os maciços de apoio. A construção é de perda argamassada.

Sobre guinchos

Depois que construíram as usina, os guinchos que acompanham o duto passaram a ser elétricos; antes, eles eram a vapor. (Porém a estrutura é a mesma, ou seja, os guinchos são os mesmos).

Sobre a câmara d’água

Fica no início da tubulação, é a cota de 640m. Tem uma comporta para cada tubo, com grade para filtrar a água. Tem o camarim, que é uma câmara longitudinal, que interliga os cinco tubos; há duas câmaras com separador para fazer limpeza de fundo e tem limpeza de superfície com a água sobrando. Esses duas câmaras dão juntos um tanque de 700m³ de água.

Sobre vista do litoral desde a câmara de água

Pode-se ver desde a câmara de água quatro municípios: Santos, Guarujá, Bertioga e São Sebastião.

Sobre túnel d’água

O túnel tem 1 planta em que aparecem três trechos. Onde termina o primeiro trecho podemos ver a abertura do canal, pois a parede do canal por cima está aberta por um ponto de acesso, a clarabóia. Segundo trecho emenda ali mesmo e vai até o degrau na Cahoeira do Prumo. Existia um projeto para um terceiro trecho, mas nunca foi concluído. A ideia era chegar até acima da barragem

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Dragagem de Aprofundamento do Canal de Navegação, Bacias de Evolução e Berços de Atracação do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Jonas Rafael de Sousa Benedito Paulo de Oliveira Nelson Bonoda	Idade	50
Especialização	Mestre lancha, Pescador artesanal e Mestre lancha aposentado		57 75
Investigador	Pedro Narciso / Wilson Marinho	Data	10/02/2010

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	-
Município / Local	Guarujá / Santa Cruz dos Navegantes		
Coordenada UTM Datum SA69	23K 0367347 / 7345520		

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ⁸						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
-	Pesca Artesanal					X		Não
-	Casa na Praia do Sangava	X						Não
-	Sítio Ceará (Fábrica, Túnel e Poço)	X						?
-	Cemitério do Forte da Barra	X						Não
-	Barco de Recreio da Praia do Goes (retirado)		X					Sim
-	Barco antigo em frente à Praia do Sangava		X					Sim

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns elementos da comunidade de pescadores de Santa Cruz dos Navegantes, pela equipe de arqueologia de forma a questionar-se sobre o seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.</p> <p>Sobre Santa Cruz dos Navegantes Os entrevistados comentam que há cerca de 40 anos atrás, a comunidade vivia isolada, existindo abundante mato e poucas casas. Viviam no local cerca de 10 famílias somente e todas viviam da pesca artesanal. Não existia água potável na comunidade, tendo esta chegado somente em 1953 com a construção do Chafariz público, onde os populares tomavam até banho. Até essa data, as famílias iam buscar a água ao morro mais próximo que tinha uma nascente, carregando-a em vasilhas na cabeça. A escola da comunidade, no tempo em que estudava, funcionava no Forte da Barra, de acordo com o Sr. Jonas. A professora de nome Josefina, era transportada num barco a remos, vinda de Santos. A escola manteve-se ali até a década de 1960. Nessa época toda a comunidade se conhecia. Na década de 1980 começaram a chegar muitas famílias do Nordeste para trabalhar nas indústrias locais e na construção civil, instalando-se de forma desordenada, de acordo com os entrevistados. O Sr. Benedito informa que a comunidade tem hoje cerca de 250 pescadores ativos, que vivem somente da pesca artesanal.</p> <p>Sobre as suas vidas O Sr. Jonas diz ter sido nascido e criado em Santa Cruz dos Navegantes. Já o Sr. Benedito informou ter vindo para a comunidade com 2 anos apenas.</p> <p>Sobre as transformações na paisagem Segundo os entrevistados, as águas da Praia da Pouca Farinha, na comunidade, eram cristalinas e era comum as pessoas atravessarem a nado dali para Santos e vice-versa. Também se recordam de ver botos a nadar no Canal do Porto. De acordo com a sua informação o areal da praia da Pouca Farinha estendia-se até cerca de 400 m à frente até ao final dos anos 70 do século XX. A areia, recordam, era abundante, bastante fina e branca, sendo alta. Hoje além de suja, é pouca. No local onde os barcos se encontram hoje, existiam casas de pescadores, palafíticas em madeira, sendo o canal muito mais estreito.</p>

⁸ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

Os entrevistados recordam que fizeram muitos aterros na margem direita do rio Icanhema há algumas décadas atrás.

O antigo Entreposto comercial de pesca e seus trapiches foi aterrado.

O Sr. Jonas recordou de uma enchente que foi tão alta que a água do canal junto à praia da Pouca Farinha atravessou a comunidade e juntou-se com a do rio Icanhema. Nesse dia as pessoas só andavam de canoa nas ruas.

Sobre a pesca artesanal

Os pescados

Os principais peixes pescados são: o Camarão 7 Barbas, a Corvina e a Pescada. O Camarão Branco que pescam é pouco e hoje o Cação é raro. O Sr. Benedito informa que o Polvo é muito raro e a Lagosta não tem há já vários anos.

Há algumas décadas atrás, o peixe era tanto que por vezes tinham que abrir o cerco para soltar uma parte, de acordo com os entrevistados. Não existia tanta demanda por peixe e não havia gelo para conservar o mesmo.

O Sr. Jonas informou que antigamente existia um Entreposto, em Santos, localizado entre a balsa de automóveis e a ponte dos práticos, onde todos os pescadores podiam levar o seu peixe e vender diretamente ao público. Existiam no local trapiches de madeira para as embarcações acederem.

As embarcações

Os barcos artesanais utilizam motores a gasolina com 5, 10 ou 15 cavalos de potência. O barco maior tem cerca de 10 m de comprimento.

Um tipo de barco que já não existe mais era o de fundo redondo, utilizado para apanhar peixe.

As canosas monóxilas eram utilizadas na costeira, área natural do costão rochoso entre a Ponta do Sangava e a Ponta Grossa. Já os botes eram utilizados em alto mar.

As técnicas

A pesca de arrasto era feita com 2 barcos artesanais, puxando o *Aparelho* (rede de arrasto), a qual já não se utiliza.

Na pesca de cerco, eram utilizadas as canoas monóxilas para puxar a rede. Numa das canoas iam 3 homens e na outra apenas 2. O cerco era armado na costeira entre as pedras, ficando preso por cabos às rochas.

Sobre sítios arqueológicos

O Sr. Jonas informou que as ruínas na Praia do Sangava são antigas, com mais de 100 anos. O caseiro do local era o Sr. Miranda, o qual vivia de forma permanente no local com a família.

Os entrevistados comentaram que de naufrágios apenas se recordam de um navio de recreio que afundou em frente à Praia do Goes, há cerca de 30 anos atrás e era utilizado pela população local para mergulhar e saltar de cima dele. Foi entretanto retirado.

Outro naufrágio que referiram foi o de um barco muito antigo, segundo os populares, que fica próximo à bóia vermelha de navegação, em frente à Praia do Sangava.

De acordo com o Sr. Jonas, na antiga fábrica do sítio Ceará a qual dataria do tempo dos escravos, acima dessa existia na encosta um túnel muito antigo que levava ao Saco do Major. Essa fábrica seria muito antiga e tinha trilhas férreas que iam da mesma até ao rio Icanhema. Existia também lá um poço muito antigo. De acordo com ele, o Sr. Avelar trabalha no local como porteiro, pertencendo hoje os terrenos à empresa de pesca Nipo-brasileira.

O Sr. Jonas informou ainda que na base e no topo do morro da Ponta do Forte, junto ao Forte da Barra, se recorda de ver ossos humanos quando era adolescente. De acordo com ele, existia no local um antigo cemitério que ficava bem no canto do forte. Existia um senhor da comunidade que pegava nos ossos e colocava num balaio levando para sepultar noutro local. Hoje esse terreno pertence ao Clube Saldanha da Gama.

Sobre a dragagem de aprofundamento, o Porto de Santos e a poluição

As primeiras degradações ambientais que se recordam foi com a instalação da Dow Química e do terminal da Conceiçãozinha no início dos anos 80, tendo a água ficado suja.

Os entrevistados culpam também as dragagens do canal por parte da poluição existente e pela perda do areal das praias do Goes e da Pouca Farinha. Nos anos 80, há cerca de 30 anos atrás, o areal começou a desaparecer por conta do aumento das dragagens do Canal do Porto. Na sua opinião, a nova dragagem vai fazer com que a Praia do Goes desapareça. Uma das soluções que apontam seria fazerem um quebra-mar que protegesse a praia.

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Dragagem de Aprofundamento do Canal de Navegação, Bacias de Evolução e Berços de Atracação do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Leo Câmara	Idade	60
Especialização	Rondante (Guarda Portuário – CODESP)		
Investigador	Pedro Narciso	Data	22/01/2010

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	4
Município / Local	Guarujá / Praia do Goes		
Coordenada UTM Datum SA69	23K 0366271 / 7345231		

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ⁹						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
-	Sociedade Melhoramentos e Amigos da Praia do Góes					X		Sim
23K 0366271 7345231	Casa tradicional caiçara			X				?
23K 0366465 7345365	Fortim da Praia do Goes	X		X				Não
Ponta Grossa	Batelão "Valongo"		X					Sim
Morro do Sangava	Vapor Guararema		X					?
Canal do Porto	Vapor Verry ou Verney		X					?

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns elementos da comunidade de pescadores da Praia do Goes, pela equipe de arqueologia de forma a questionar-se sobre o seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.</p> <p>Sobre a Sociedade Melhoramentos e Amigos da Praia do Góes e o Sr. Vasco Câmara seu fundador</p> <p>O entrevistado começou por falar acerca do seu falecido pai, o Sr. Vasco Câmara nascido em 1905 na cidade do Funchal (Madeira, Portugal), o qual chegou ao Brasil com cerca de 18 anos de idade. Pouco depois da chegada, terá conhecido a santista Ruth Assumpção Bueno, a qual vivia no Mosteiro de Nossa Senhora do Valongo com a família e com a qual terá casado entretanto. O Sr. Vasco, de acordo com o depoimento do seu filho, terá participado na Guerra Constitucional de 1932, dando-se como voluntário e sendo promovido a 3º Sargento. Cumpru serviço no quartel de Lorena. Após a guerra foi preso pelos vencedores, mas logo mandado soltar pelo presidente Getúlio Vargas. Nunca ganhou pensão ou aposentadoria relacionada à prestação de serviços como militar, por ser cidadão estrangeiro. Inicialmente viveram junto ao Monte Serrat em Santos, tendo vindo morar em 1959 para a Praia do Goes quando o Sr. Vasco tinha mais de 50 anos. Nessa data, o Sr. Leo Câmara, o filho mais novo, já tinha 9 anos. Nesse recanto da Ilha de Santo Amaro, o Sr. Vasco terá comprado um terreno a um pescador local, onde já existia a casa em que o Sr. Leo vive atualmente, exemplo típico da arquitetura caiçara da Baixada Santista.</p> <p>Devido às carências existentes na Praia do Goes, o Sr. Vasco terá fundado em 1962 a Sociedade Melhoramentos e Amigos da Praia do Góes com a finalidade de melhorar o local. A primeira sede funcionou na sua própria casa. A primeira obra realizada foi a construção de uma caixa de água que armazenava a água de nascente e distribuía para as diversas famílias locais. Foi realizada em cantaria de granito, tendo sido cortado um afloramento local, sendo o restante embutido na própria estrutura da caixa. O Sr. Leo recordou que o transporte de parte das pedras, extraídas de outro afloramento na encosta, era transportado por ele e pelo irmão, num carro com rodas de ferro. Outra obra relevante foi à instalação da rede de energia elétrica, tendo para isso sido solicitado à Companhia Docas de Santos (CDS) antigos trilhos de ferrovia do Porto de Santos, de forma a utilizá-los como postes de fiação. O entrevistado recorda que o seu pai solicitou os mesmos ao Sr. Berengue, inspetor geral da CDS, o qual os forneceu de bom grado. Por fim, o Sr. Leo ressaltou que a Sociedade também foi responsável pela construção de uma pequena capela e oratório, em estacaria de madeira e cobertura de sapé, tendo sido consagrada a Nossa Senhora de Aparecida, padroeira do Brasil e local. No fim da sociedade, em 1968, a imagem acabou por ser retirada e o pequeno oratório coberto acabou por apodrecer.</p> <p>Entre outras ações, a Sociedade foi responsável por implantar alguns eventos culturais locais como as Festas Juninas e o Canto de Reis (Janeiras), nos meses de Junho e Janeiro respectivamente e entre 1963 e 1968. Neste ano, a Sociedade fechou uma vez que o Sr. Vasco havia falecido em 1965, tendo a partir daí ficado sem o seu pilar principal e decaído até encerrar o funcionamento. Já a Dona Ruth Câmara, sua esposa, morreu no dia 9 de Janeiro</p>

⁹ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

de 2010, com 101 anos de idade.

Sobre a Associação dos Moradores da Praia do Goes

Já em 2000, um grupo de estudantes universitários da Faculdade de Urbanismo de Santos, numa visita à Praia do Goes para execução de um trabalho acadêmico, conversaram, incentivaram e motivaram os habitantes locais a reabrir a Sociedade, o que terá acontecido ainda nesse ano, mas como uma ONG. A primeira direção adaptou os estatutos antigos à nova realidade e passou a designar-se como Associação dos Moradores da Praia do Goes, com a finalidade de promover o bem estar de todos os moradores. Hoje, entre outras coisas, a Associação promove anualmente a Festa da Tainha e na sua sede própria, fornece assistência médica à comunidade uma vez por mês e tem alguns computadores para uso da comunidade. A primeira edição da festa ocorreu em 2001 e tem acontecido anualmente desde então, num final de semana de Junho ou Julho, de acordo com o calendário lunar e as marés (quarto crescente e minguante as marés são mais fracas, Lua nova e Lua cheia tem marés mais fortes). A festa assumiu grandes proporções fazendo hoje parte do calendário turístico do Guarujá.

Sobre a pesca artesanal

O entrevistado comentou que a área central da praia era coberta por Jundu (mato rasteiro), onde os pescadores colocavam as redes para secar e para consertos. Uma das técnicas tradicionais de pesca da Praia do Goes, para além das técnicas de coleta de marisco e pesca artesanal da população caiçara da Baixada Santista, era a pesca da tainha na própria enseada da praia. Uma embarcação (canoas monóxila) saía junto a uma das margens e encostas da pequena baía, sempre de acordo com a direção do cardume (cabeça do peixe), de forma a ir contra o mesmo. Essa embarcação contornava por fora o cardume, largando uma rede amarrada a uma corda, cujas pontas ficavam no ponto de partida e no ponto final do trajeto, sendo essa ponta transportada até aí pela embarcação. No topo de uma das encostas, um vigia usando um apito ou um berrante, observava o cardume de tainhas na água outrora límpida da enseada, o qual nada próximo à superfície. Uma vez posicionado o cardume na rede, o vigia fazia soar o berrante avisando a comunidade de pescadores da Praia do Goes para puxar as duas pontas da corda, arrastando a rede e o cardume com ela. A par dessa ação, várias canoas menores, equipadas de entrepara (pequeno mastro ao centro em bambu ao qual era amarrada uma rede, sendo aberta de forma triangular), ficavam no lado de fora da rede, para ajudarem a segurar as bóias da mesma em cortiça. A entrepara na pequena embarcação, servia para amparar as tainhas que saltavam para fora da rede, caindo essas de novo dentro da mesma ou dentro da embarcação. As redes utilizadas tinham 8 a 9 mm, feitas com fio grosso feito de juta, sendo tingido através de uma infusão feita com uma substância de uma casca de madeira retirada da Mata Atlântica.

Fortim da Praia do Goes

O entrevistado comentou que nos anos 60 do século XX, quando chegou com o pai para viver na Praia, ainda eram visíveis duas ou três guaritas no fortim e algumas canhoieiras. A fortificação tinha um pequeno murete em pedra lavrada onde se rasgavam as canhoieiras. O contraforte de sustentação do baluarte apresentava um friso superior em todo o seu entorno. De acordo com a informação oral, este fortim foi construído primeiro do que a Fortaleza da Barra e a oposta onde se sedia hoje o Museu da Pesca. Segundo o Sr. Leo, o próprio Martim Afonso aportou primeiro na Praia do Goes chegando por embarcações menores à Ilha de São Vicente de forma a evitar os baixios.

Sobre naufrágios

Quando questionado acerca de naufrágios, o entrevistado informou acerca dos seguintes:

- ❖ Guararema: vapor brasileiro, mais antigo, próximo do morro do Sangava, entre o morro e a praia do Cheira Limão, a cerca de 50 m da linha de costa. Possivelmente trata-se de um naufrágio do início do século XX;
- ❖ VERNY ou Verney: vapor espanhol, que trazia vinho ou azeite, em frente a rio do Meio, já no Canal do Porto, na curva do ferry, mais próximo à margem do canal da Ilha de Santo Amaro. Naufragado na década de 50 do século XX;
- ❖ Batelão "Valongo": naufragado em 21 de Janeiro de 2010, durante os trabalhos de campo, junto à Ponta Grossa (Ilha de Santo Amaro). Trata-se de um batelão de lama, que tinha mais de 100 anos e pertencia à Companhia Docas de Santos. Há alguns anos atrás foi vendido à empresa "Bandeirantes", responsável pelas dragagens na Baixada Santista, a qual o restaurou e adaptou às suas necessidades.

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Regularização do Porto de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Manuel Lopes Filho (Maneco)	Idade	65
Especialização	Funcionário da CODESP		
Investigador	Pedro Narciso / João Simão	Data	10/06/2011

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	-
Município / Local	Bertioga		
Coordenada UTM Datum SA69			

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ¹⁰						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
	Casa do apontador			x				
	Causos					x		
	Casa moradia demolida	x						Sim

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns funcionários da CODESP em Bertioga, entre eles o Seu Maneco. A equipe de arqueologia quis saber mais sobre seus conhecimentos acerca de vestígios arqueológicos, modos de vida e outros elementos patrimoniais na região.</p> <p>Sobre a Cocheirinha – caminho para a captação de água da Usina de Itatinga Maneco nos conta sobre o ponto chamado Cocheirinha, no caminho para a captação de água na Usina de Itatinga, onde os animais eram deixados, para que a viagem fosse seguida a pé. As mulas só chegavam até a câmara d'água, depois eram despachadas. Esse procedimento foi feito até mais ou menos 1984. [amigo do Maneco] Existia o tropeiro, que tomava conta dos animais, e o ajudante. Quando havia necessidade de mais mantimentos, vinham dois burros, com cavalo e com tropeiro. Essa atividade ocorria terça, quinta e sábado. Quando a CODESP assumiu, muita coisa mudou: a viagem do rebocador deixou de ser todo dia e passou a ser 1 vez por semana, depois de 15 em 15 dias, depois 1 vez por mês. Rio Santos inaugurou em 1985 mais ou menos, segundo Maneco, e isso fez com que o transporte de materiais tenha ficado mais fácil, o que também diminuiu a frequência do rebocador, que por viagem gastava cerca de 200 litros de óleo diesel.</p> <p>Sobre os causos Rocha dos 4 Seu Maneco nos conta que quando construíram a Usina de Itatinga, uma rocha se despreendeu e a dinamite não explodiu. Então, foram dois marreteiros e dois na broca para perfurar e colocar outra dinamite. Só que, nessa perfuração, eles atingiram a dinamite que não havia explodido. Com o impacto, ela finalmente explodiu e morreram os 4. Por isso esse trecho (<i>o do vídeo MOV05818</i>) é conhecido como "a rocha dos quatro".</p> <p>Volta Grande Seu Maneco nos conta que o lugar onde está no momento é conhecido como "Volta Grande". Segundo os antigos, quem passava por ali costumava encontrar um padre tocando um rebanho de perus. Devia ser um padre fantasma, então o pessoal cortava caminho para não ter que passar por ali.</p> <p>Sobre a madeira Seu Maneco explicou que a madeira usada na barragem era colocada na época da seca, aí a barragem subia 90 centímetros, para guardar água durante a seca, que são os meses de junho, julho e agosto. Ela é colocada dentro de uma calha que tem lá embaixo, encaixa, como um sanduíche, passando uma tábua pela outra, depois vai colocando perfil para segurar.</p> <p>Sobre casa no caminho de volta da captação Se Maneco morou nessa casa entre abril de 1966 a setembro de 1967, umas das primeiras casas em que ele morou. Tinha dois quartos, sala, cozinha, banheiro, uma área embaixo para estender roupa; era sustentada por pilares e ancorada por 4 cabos de aço, pois ventava e ventava muito ali. Foi demolida em 1996 ou 1997. Quando ele chegou, a casa já estava feita, de tapamento americano, forrada, assoalho de peroba; era uma casa resistente. Tinha 3m de pé direito, como o estilo de construção das casas na usina. Seu Maneco conheceu quem morou ali antes dele, um ex-doqueiro cujo nome era Cícero; ele morou lá por muito tempo, depois aposentou e se mudou para Santos; depois foi um encanador morar naquela casa e só então que o seu Maneco foi para lá.</p> <p>Sobre casa do apontador No caminho de ida para a captação de água, na Usina de Itatinga, Seu Maneco nos indicou a casa do apontador, que era o funcionário que anotava os pontos de quem trabalhava ali na represa. A casa que existia naquele local foi desmontada e levada para Itatinga, ou seja, para a região baixa da usina. Está em frente à padaria agora.</p>

¹⁰ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Regularização do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Manoel Crispim da Silva	Idade	63
Especialização	Trabalhador do Porto Robalo		
Investigador	Pedro Narciso / João Simão	Data	15/06/2011

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	-
Município / Local	Bertioga		
Coordenada UTM Datum SA69			

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ¹¹						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
-	Rio Itapanhaú						x	
-								
-								
-								
-								
-								
-								
-								
-								
-								
-								
-								
-								

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo entrevistou-se o senhor Manoel Crispim da Silva, para saber mais sobre seu conhecimento acerca elementos patrimoniais na região, bem como sobre as mudanças na paisagem.</p> <p>Sobre a sua vida Manoel Crispim da Silva tem 63 anos e trabalha no Porto Robalo há 17 anos.</p> <p>Sobre as transformações da paisagem Conhece bem o rio Itapanhaú e percebe bem o efeito do rio na sua própria margem; diz que "o rio comeu todinho", querendo dizer que as margens foram encurtadas pelo rio.</p>

¹¹ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Dragagem de Aprofundamento do Canal de Navegação, Bacias de Evolução e Berços de Atracação do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Manuel Antônio Pimentel	Idade	72
Especialização	Barbeiro		
Investigador	Pedro Narciso / Wilson Marinho	Data	11/02/2010

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	-
Município / Local	Guarujá / Conceiçãozinha		
Coordenada UTM Datum SA69	23K 0369315 / 7348016		

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ¹²						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
23K 0369315 7348016	Artesanato: Licor de Genipapo (Manuel)						X	Sim

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns elementos da comunidade de pescadores de Conceiçãozinha, pela equipe de arqueologia de forma a questionar-se sobre o seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.</p> <p>Sobre a Conceiçãozinha O entrevistado recorda que a Igreja local era iluminada a lampião a gás, sendo que a eletricidade chegou na comunidade apenas há 20 anos atrás, aproximadamente.</p> <p>Sobre a sua vida O entrevistado informou que é natural de Sergipe, porém veio para a Baixada Santista há cerca de 50 anos atrás, vivendo na Conceiçãozinha desde há 40 anos. Nesta comunidade conheceu Ana Maria Camerina da Silva, a falecida esposa com quem viveu 27 anos e de quem teve 2 filhos. Quando chegou foi estudar, trabalhando desde 1964 como barbeiro. Além dessa profissão tem o hobby de tocar cavaquinho.</p> <p>Sobre visitas ilustres De acordo com o entrevistado, o atual Presidente da República veio à comunidade quando era sindicalista, para retribuir a visita e a oferta de alimentos reunidos pela comunidade aos metalúrgicos na greve de 1979 em São Paulo, a qual subiu a serra numa perua com a carga. Em 1980, Lula veio até à comunidade e assinou um documento comprometendo-se a ajudar na posse da terra à comunidade local, caso viesse a ganhar as eleições desse ano. A esposa do Sr. Manuel convidou-o a entrar na sua casa e Lula perguntou que fruto era aquele. Informaram-no que seria Genipapo e que produziam licor dele, dando-lhe um copo a provar, o qual ele tomou de uma golada, segundo o Sr. Manuel. Já em 1993, Lula voltou à comunidade, assinando um novo documento sobre a mesma questão. Dessa vez, Lula estava em campanha política para chegar a Presidente, disputando com Collor de Melo. Por fim em 2009, o Presidente da República concedeu a titulariedade da terra aos moradores de Conceiçãozinha, cumprindo com a sua promessa. Lula veio nesse ano ao Guarujá para fazer a inauguração do PAC, mandando chamar representantes das diversas comunidades locais. Assim sendo, mandou chamar o Sr. Newton, que lhe levou um licor de genipapo, considerando a ideia do Sr. Ranulfo.</p> <p>Sobre a Associação de Moradores da Conceiçãozinha De acordo com o entrevistado, a sua esposa falecida contribuiu para a fundação da Associação, sendo nessa gestão que ela, Newton e outros montaram a capela da comunidade. A dona Ana foi tesoureira da Associação. Nos primeiros anos da Associação festejavam-se as festas juninas e de Ano Novo.</p> <p>Sobre o patrimônio imaterial local O Sr. Manuel informou que quando viu as árvores de genipapo na comunidade, plantou também um pé, há cerca de 35 anos atrás. Com a sua esposa experimentaram fazer suco e licor de genipapo adicionando açúcar e canela. A sua vontade em produzir o licor foi motivada pelos mais velhos da comunidade que falavam que se fazia antigamente e que já não se produzia. O licor que ele produz chega a ter 20 a 22% de alcoolemia e nunca o fez para fins comerciais. Todo o ano produz, mas somente para consumo familiar e para dar a algum amigo. O licor é realizado entre os meses de Abril e de Junho. A forma de preparar começa por tirar a casca da fruta, deixando-a sobre uma peneira com um peso em cima para o ir esmagando devagar. Não adiciona cana ou garapa, mantendo somente o genipapo. Por ser um fruto muito ácido e com muito álcool, é bom para produzir licor. De acordo com o entrevistado existiam mais famílias que produziam este licor, porém com o tempo a tradição foi-se perdendo.</p>

¹² AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Dragagem de Aprofundamento do Canal de Navegação, Bacias de Evolução e Berços de Atracação do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Marcos Morais Alves / Fábio Wemdel	Idade	40
Especialização	Pescadores / Carregadores		
Investigador	Pedro Narciso / Eduardo Staudt	Data	21/01/2010

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	4
Município / Local	Guarujá / Praia do Goes		
Coordenada UTM Datum SA69	23K 0366299 / 7345316		

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ¹³					Inédito	
		AT	AS	PHE	PHM	PI		PPC
-	Chatinhas				X			?
23K 0366465 7345365	Fortim da Praia do Goes	X		X				Não
Frente ao Aquário de Santos	"Galeão" antigo		X					?
Canal do Porto	Vapor VERNY ou Verney		X					?

Entrevista	
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns elementos da comunidade de pescadores da Praia do Goes, pela equipe de arqueologia de forma a questionar-se sobre o seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.</p> <p>O seu depoimento foi filmado em vídeo.</p>	

¹³ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Dragagem de Aprofundamento do Canal de Navegação, Bacias de Evolução e Berços de Atracação do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Newton Rafael Gonçalves Ranulfo de Castro Filho	Idade	61
Especialização	Pescador até 1969 / Operário fabril aposentado Pescador		45
Investigador	Pedro Narciso / Wilson Marinho	Data	11/02/2010

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	-
Município / Local	Guarujá / Conceiçãozinha		
Coordenada UTM Datum SA69	23K 0369444 / 7348007		

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ¹⁴						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
-	Pesca Artesanal					X		Não
-	Causos diversos					X		?
-	Redes de Cordoné				X			Não
-	Artesanato: Produção de balaio (Nemésinho)					X		Sim
23K 0369315 7348016	Artesanato: Licor de Genipapo (Manuel)					X		Sim
-	Festa da Bandeira					X		Sim
23K 0369431 7348002	Casa Caiçara			X				Sim
-	Sambaqui na área da Cargil	X						Sim
-	Sambaqui, Gruta-Capela e ruínas jesuíticas na área da Dow Química	X						Sim
-	Sambaqui na Rua São Paulo com a Rua Santo Antônio	X						Sim
-	Vapor da década de 50 (Verney ?)		X					Sim
-	Navio Astral (retirado)		X					Sim
-	Cargueiro em frente ao rio do Meio		X					Sim

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns elementos da comunidade de pescadores de Conceiçãozinha, pela equipe de arqueologia de forma a questionar-se sobre o seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.</p> <p>Sobre a Conceiçãozinha O Sr. Newton é o atual Secretário Geral da União de Pescadores do Sítio Conceiçãozinha (UNIPESC) e vice-presidente da Associação de Moradores local, as quais contam com cerca de 20 membros cada uma. Até cerca de 1973, as famílias da comunidade dedicavam-se exclusivamente à pesca, existindo cerca de 50 famílias. Porém, a partir desse ano começaram a instalar-se nas proximidades algumas indústrias, entre as quais a Nipo-Brasileira e a INAP relacionadas com a pesca industrial, sendo que a última já não existe. Essas indústrias necessitaram de mão e obra, dando emprego a muitas pessoas de fora que começaram a chegar e instalar-se de forma desordenada na comunidade.</p> <p>O Sr. Newton recordou que quando era criança com 10 anos, chegava a Santos um barco por semana apenas. Afirmou que teve a melhor infância que se poderia ter, dizendo que a paisagem era limpa.</p> <p>Os antigos comentavam que a Dengue era a antiga febre do mosquito conhecida como brotoejo, a qual curavam com chá de carobinha.</p> <p>Sobre as suas vidas O avô do Sr. Ranulfo era feitor no sítio Bananal e de acordo com ele, como não existiam bancos de forma</p>

¹⁴ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

acessível, o dinheiro era escondido debaixo de raízes no mato.

O Sr. Newton informou que a sua avó era da aldeia Rio Branco, uma aldeia indígena localizada em São Vicente, tendo sido raptada da aldeia e levada para Itanhém, tendo vindo depois trabalhar para a Conceiçãozinha. O responsável pelo rapto foi o pai (bisavô de Newton) daquele que viria a ser marido dela, o avô do Sr. Newton. O nome dela era Benedita Brandina e o do avô Lemêncio Gonçalves, de origem espanhola. O seu bisavô participava em caçadas aos índios, utilizando cães. Os índios que não queriam trabalhar eram amarrados e eles próprios se mordiam e defecavam no local, segundo o Sr. Newton. De acordo com o entrevistado, os índios arrancavam as trilhas da ferrovia, a início e os colonos colocavam energia nas mesmas, eletrocutando os índios.

O avô do Sr. Newton faleceu em 1964 ou 1965 num acidente de automóvel em Santos e a avó morreu de atropelamento em 1970 em Santos.

O sogro do Sr. Newton é o Senhor Dito de 80 anos e pescador artesanal. Ele conta que os jesuítas o enganaram com uns papéis e ficaram com as suas terras. O pai do Sr. Newton deixou a sua mãe com 12 filhos, sendo ele bebé. As terras hoje pertencem à Imobiliária Badra. De acordo com ele, a sua avó falava à noite para os espíritos, em língua Guarani. O seu pai, também meio indígena, raptou a sua mãe de origem italiana, do interior do estado, tendo o seu avô materno perdido toda a riqueza em busca da filha e acabando por a encontrar anos mais tarde na Baixada Santista, já casada e mãe de vários filhos.

Sobre a União de Pescadores do Sítio Conceiçãozinha

A UNIPESC foi fundada em 1977, mas somente viria a ser aprovada após o fim da ditadura militar, depois de 1984.

O Sr. Newton comentou que têm na união um projeto ambiental para produção de redes artesanais em cordoné, visando começar a reinseri-las entre a comunidade local. Esse projeto foi baseado num semelhante existente no Rio Grande do Sul, onde existe a implementação de técnicas de pesca artesanais sustentáveis tais como a rede biodegradável ou o anzol sem ferpa para engatar.

O projeto 1º emprego da UNIPESC está a ser realizado em parceria com a Universidade Católica de Santos e destina-se às crianças carentes da comunidade, sendo que cada uma ganha cerca de 140 reais, para aprender e desenvolver as redes biodegradáveis.

Outro projeto em curso denomina-se como "Mangue Limpo" e é feito pela UNIPESC em parceria com a Dow Química, consistindo em ações de limpeza do Mangue local.

Além desses projetos a associação tem um viveiro de árvores nativas para plantar no Mangue e região.

Sobre a pesca artesanal

De acordo com o Sr. Newton, não existem mais pescadores artesanais que vivam da pesca de forma integral, na comunidade. Todos têm um trabalho paralelo ou fazem serviços diversos alternativos, tendo porém, o rendimento das suas atividades de pesca, que continua a ser o maior.

O Sr. Ranulfo comentou que a atividade de pesca era a principal das famílias, sendo complementada pela caça, embora em baixa quantidade.

Uma das áreas antigas e melhores para pesca em tarrafa era em frente ao rio Santo Amaro.

As redes caiçaras

Em relação às redes utilizadas, os entrevistados referiram que a mais utilizada é a "rede de emalhe" ou "rede de espera" como é conhecida popularmente. É constituída por uma malha de 7 mm, sendo que o peixe enrosca nela, daí o nome. Até há algumas décadas atrás, os pescadores utilizavam as redes de cordonoé, tradicionais da cultura caiçara, feitas com fibras de côco, lã ou algodão. Uma das grandes vantagens é que essa rede era biodegradável, decompondo-se em 3 ou 4 meses depois da sua perda. Também não prende tartarugas ou siris. Já a industrial, feita de nylon (polietileno), dura cerca de 50 anos debaixo de água sem se decompôr, continuando a prender e a matar peixes, bem como outro tipo de fauna (ex.: tartarugas). Estas redes industriais começaram a surgir na década de 70 do século XX e conquistou inicialmente os pescadores artesanais já que era mais barata, mais resistente e mais rentável. Depois de implantada, a indústria dessas redes aumentou o seu preço e as comunidades ficaram reféns dessas redes, já que o conhecimento de confecção das redes artesanais havia-se perdido na passagem entre pais e filhos.

A técnica de pesca do Trimbobó

Uma técnica de pesca artesanal que era muito utilizada era a do Trimbobó, sendo que os seus pais ainda pescavam dessa forma. A técnica de pesca noturna, consistia em levar uma vara na popa e outra na proa da canoa monóxila com a rede amarrada e esticada entre elas, fazendo uma espécie de saco. Com um pifó (bambu escado por dentro), enchiam-no de estopa e querosene e produziam um archote que amarravam na proa da embarcação. Um conjunto de pessoas ia batendo no varejão das margens, com paus e latas, assustando os peixes que à noite ficam nessa área a comer. Com o barulho fugiam assustados e ao pularem, encadeados pelo archote, caíam na rede esticada. Hoje em dia ninguém utiliza mais esta técnica.

De acordo com o Sr. Newton, é uma técnica indígena, embora os índios usassem esteiras entrançadas, pois não tinham rede. Já os caiçaras era com rede.

Sobre visitas ilustres

O Sr. Newton informou que em 1989 o geógrafo Aziz Ab'Saber visitou a comunidade e forneceu muita informação sobre o local e a poluição presente nas águas. Este cientista deixou uma maquete onde mostra o ordenamento do bairro de Conceiçãozinha.

A Greenpeace veio à comunidade por conta de um derrame de enxofre na água local. Em contato com esta, o enxofre gera um arco-íris debaixo de água. A organização ambiental retirou e analisou diversas amostras de água, perto da Dow Química. Segundo se consta, 6 pessoas da comunidade terão morrido por causa das águas contaminadas. A Greenpeace e alguns representantes da comunidade invadiram a Dow Química em São Paulo, tendo feito um acordo, sendo notório que hoje a empresa tem mais cuidado com o ambiente.

O atual Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, esteve na comunidade em 1980, tendo a associação de moradores sido organizada nessa data. Lula esteve na casa do Sr. Newton para agradecer à comunidade o apoio que a mesma deu aos metalúrgicos na greve de 1979 em São Paulo, tendo sido criado um vínculo entre ambas as partes. O Presidente concedeu em 2009 o título de posse da terra à comunidade local, tendo sido enviada uma carta da Presidência a agradecer a oferta feita pela comunidade durante esse ato.

Houve um projeto denominado como "Rondon" que teve o intuito de estudar as comunidades caiçaras, sendo um dos membros da equipe a Baronesa Stervinsk. Outro elemento, embora não da equipe foi Edimeia Ladivigue, que

ajudou bastante a comunidade.

Sobre sítios arqueológicos

De acordo com o Sr. Newton, o nome Conceiçãozinha vem de Conceição Imaculada de Fátima. Este entrevistado comentou que no local existiria um sítio de jesuítas e uma aldeia de índios, sendo que o pai dele era filho de índios. Um dos entrevistados comentou que nos terrenos da Dow Química existia um Sambaqui, tal como construções jesuíticas e uma gruta transformada em capela onde velavam os mortos, que eram transportados até à mesma, por barco, enrolado na rede de pesca, uma vez que não tinham caixões. Essa capela seria do tempo dos portugueses e jesuítas, localizava-se na margem do canal e servia para as "rezarias". Junto dessa ficaria localizado um cemitério de índios e escravos. De acordo com o Sr. Newton, o seu avô contava que alguns padres jesuítas eram muito maus e escravizavam negros e índios para trabalharem noite e dia, morrendo alguns no trabalho do engenho de fadiga extrema.

O Sr. Newton informou que na comunidade existia também um Sambaqui entre a Rua São Paulo e a Rua Santo Antônio. O entrevistado comentou que na foz do rio Santo Amaro, durante umas obras na década de 50 na área da marina, encontraram ossos humanos e machadinhas indígenas.

Durante a entrevista, comentaram que a empresa Cargill também foi implantada sobre um sambaqui.

O Sr. Newton comentou que em 1974 o jornal a Tribuna registrou o achado de um osso de baleia na comunidade, tendo o espaço sido utilizado como local de limpeza de baleias, possivelmente.

Quando abordados sobre naufrágios os entrevistados informaram que houve um navio a vapor cuja caldeira explodiu nos anos 50 do século XX, próximo ao Macuco, em frente às torres de alta tensão, do lado de Santos. Já na década de 70, o navio Astral pegou fogo junto ao Armazém 39, tendo este sido rebocado entretanto. O Sr. Ranulfo informou ainda que em frente ao rio do Meio tem uma área onde a rede se perde sempre, onde está um naufrágio também.

Sobre o patrimônio imaterial local

De acordo com o Sr. Newton, o vinho de genipapo era tradicional na comunidade local. Existiam bastantes árvores de genipapo, mas em 1969 e 1970 foram sendo cortados pelas famílias que vieram para viver no local e trabalhar nas indústrias. Do fruto produzia-se o licor e a graspa, o qual fermentava dentro de tinhas de madeira que traziam azeite e vinho da Europa. Os frutos fermentavam com o bagaço da cana de açúcar. Atualmente ainda tem um morador local que produz o licor.

Na comunidade fazia-se a Festa da Bandeira, em Junho, em que por tradição uma bandeira partia da Conceiçãozinha para as Neves e daí para Canhambora próximo ao início do Canal de Bertiooga. Ano após ano, a bandeira era levada de local para local.

Na comunidade existe uma pessoa que produz balaies de forma artesanal.

Sobre causas

O caso do tesouro e das chagas

Segundo os entrevistados a capela na gruta, hoje desaparecida, foi feita pelos escravos. As estórias locais contam que aparecia uma luz no barranco sobre a gruta e a explicação popular era que a luz representava o sofrimento dos escravos e índios e as lutas que tiveram com os portugueses e jesuítas. De acordo com o Sr. Newton, o seu avô e outro grupo de sitiante da Conceiçãozinha na década de 20, há cerca de 100 anos atrás, foram munidos de armas e crucifixos até ao local e cavaram de dia, tendo surgido uma cruz, um caixote com moedas e correntes de prata e ouro. Quando regressaram terão conversado aos jesuítas e esses informaram que aquelas riquezas eram dos portugueses já falecidos, argumentando que quem tocasse nas mesmas seria castigado por pragas e chagas. Esses missionários ficaram com o tesouro e levaram o mesmo para as Neves, onde viviam nessa época. Pouco tempo depois, surgiu na comunidade uma gripe que matou muitas pessoas da Conceiçãozinha.

O caso dos botos

De acordo com Sr. Newton os antigos contavam que quando faziam festas na Conceiçãozinha, durante a festa já de madrugada surgia uma menina ou uma mulher muito bonita e que algumas horas depois um dos homens da comunidade desaparecia. De acordo com os mais velhos, essa mulher era um Boto fêmea encarnado em uma mulher. Por vezes, era um homem bonito que buscava uma menina que não engravidava, sendo um Boto macho. Quando surgiam botos brancos pequenos na praia, as pessoas diziam que eram os filhos dos dois.

Segundo os populares, as embarcações eram acompanhadas pelos botos na Festa da Bandeira durante o dia e à noite apareciam na festa encarnados de pessoas. A tradição oral conta que quando o boto não acompanhava os barcos era porque alguém da comunidade desaparecia e 2 a 3 dias depois essa pessoa aparecia por vezes morta.

O caso da Caipora

O Sr. Newton contou que os antigos diziam que a caipora é um animal do mato, um ser que protege os outros animais selvagens e que teria os pés ao contrário, para enganar os caçadores, deixando a sua trilha invertida. Os pés desse ser eram de pessoa e era bípede, mas só vivia no escuro. Segundo a tradição popular, a Caipora à noite transformava-se numa Caninana gigante, colocando o rabo na boca de um bezerro, ficando ela a chupar o leite das tetas da vaca. Ela levava a vaca para o mato e os bezerros ficavam fracos e acabavam por morrer. Segundo os populares, a Caipora gostava de fumo de rolo e se lhe dessem isso, ela não vinha mais. Um tal de Sr. Juca antigo sitiante de Conceiçãozinha, contou entre 1960 e 1965, que ouviu barulho entre as painéis do seu fogão a lenha, vendo a Caipora nele, tentando pegar o fumo. Com raiva, o Sr. Juca contou que passou fumo nas linguças e enganou a Caipora que as levou pensando ser fumo de rolo. Desde então que o ser atormentava o Sr. Juca durante anos e para se livrar dela, ele terá feito uma promessa de colocar fumo no mato para a Caipora fumar, tendo sido assim que encontrou o sossego. Contam os populares que por vezes a Caipora anda junta com o Saci.

Sobre a dragagem de aprofundamento, o Porto de Santos e a poluição

O Sr. Newton comentou que não existe um Porto, mas sim um "Porco", o "Porco de Santos", responsável por poluir a região.

Os entrevistados recordaram que nos anos 70 surgiram tainhas e paratys com os olhos transformados em bolas de sangue. Nessa década, em 1977 foi apanhada uma raia com 3 olhos e em 1980 outra. Inicialmente pensaram tratar-se de outra espécie, mas mais tarde vieram a saber que se tratava de uma mutação por produtos químicos. Nos anos 80 também surgiu uma grande quantidade de tainha a boiar. De acordo com os entrevistados, a década de 70 e de 80 foi quando o estuário atingiu a sua maior poluição.

Contatos úteis

Sr. Newton Gonçalves: (13) 9721 1314

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Dragagem de Aprofundamento do Canal de Navegação, Bacias de Evolução e Berços de Atracação do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Nívio Gonçalves Carvalho	Idade	57
Especialização	Presidente da Sociedade de Melhoramentos de Monte Cabrão		
Investigador	Pedro Narciso / Wilson Marinho	Data	12/02/2010

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	-
Município / Local	Santos / Monte Cabrão		
Coordenada UTM Datum SA69	23K 0369138 / 7354216		

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ¹⁵						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
23K 0369230 7354042	Capela de São Pedro Pescador			X				?
-	Pesca Artesanal					X		Não
-	Artesanato em PET					X		Sim
-	Artesanato em Fuxico e Escamas de Peixe					X		Não

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns elementos da comunidade de pescadores de Monte Cabrão, pela equipe de arqueologia de forma a questionar-se sobre o seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.</p> <p>Sobre Monte Cabrão O entrevistado informou que chegou à comunidade há cerca de 16 anos. Desde então a população aumentou, com bastantes famílias vindas de fora. Atualmente a comunidade tem cerca de 1200 pessoas. De acordo com o Sr. Nívio, o aumento da passagem de lates e embarcações de maior calado, pelo Canal de Bertioga, as quais produzem marolas maiores, mais destrutivas, tem aumentado o nível de erosão das margens do canal, derrocando os barrancos do mesmo e assoreando aquele. A Sociedade tem feito esforços junto da Prefeitura para obter rachão para conter essa erosão, permitindo um reforço das margens.</p> <p>Sobre a Sociedade de Melhoramentos de Monte Cabrão O entrevistado informou que está como presidente da Sociedade há 8 anos. Um dos trabalhos da Sociedade em prol da comunidade é o cadastro das pessoas que vêm de fora para morar no Monte Cabrão. Estas famílias são alertadas para não construir no morro ou no mangue, uma vez que é proibido. Recentemente conseguiram reativar a linha de ônibus entre a comunidade e o Guarujá, junto da empresa local de transportes públicos e Prefeitura do Guarujá.</p> <p>Sobre a pesca artesanal O Sr. Nívio informou ter carteira de pescador artesanal há 20 anos, porém foi trabalhador na COSIPA. O entrevistado diz que a quantidade de pescadores que vivem somente da pesca tem diminuído. Apesar disso, de acordo com o entrevistado ainda vivem de forma integral da pesca, cerca de 100 pessoas, as quais trabalham mais no Canal de Bertioga e no mangue. As principais atividades dos pescadores da comunidade são a pesca de marisco e a coleta de caranguejo vermelho. Já em 2009, uma moradora local de nome Lília fundou uma colônia de pescadores local, a Colônia 21, uma vez que aqueles estavam dependentes da Z3 em Vicente de Carvalho.</p> <p>Sobre a dragagem de aprofundamento O Sr. Nívio disse estar consciente de que a dragagem irá afetar a comunidade. Só no canal são 6 comunidades, de acordo com o entrevistado: Cecília 1, Caroara, Sítio Cachoeira, Monte Cabrão e outras duas.</p> <p>Sobre o patrimônio imaterial local De acordo com o entrevistado, vive uma pessoa na comunidade que faz artesanato em garrafas PET. Também existem algumas mulheres que se dedicam ao fuxico e a artesanato com escamas de peixe, porém estas duas atividades foram criadas e têm sido dinamizadas pela EMBRAPORT, através da sua mediadora social (Andreia).</p>

¹⁵ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Dragagem de Aprofundamento do Canal de Navegação, Bacias de Evolução e Berços de Atracação do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Orlando Coelho da Silva	Idade	82
Especialização	Aposentado da Companhia Docas de Santos (Doqueiro)		
Investigador	Pedro Narciso / Wilson Marinho	Data	10/02/2010

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	-
Município / Local	Guarujá / Santa Cruz dos Navegantes		
Coordenada UTM Datum SA69	23K 0367466 / 7345622		

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ¹⁶						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
-	Pesca Artesanal					X		Não
-	Sítio Ceará (Casarão)	X						?
Frente ao rio Icanhema	Vapor da década de 50 (Verney ?)		X					Sim
Frente ao Aquário de Santos	Barco antigo		X					?
23K 0367562 7345643	Chafariz de Santa Cruz dos Navegantes			X				Não

Entrevista	
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns elementos da comunidade de pescadores de Santa Cruz dos Navegantes, pela equipe de arqueologia de forma a questionar-se sobre o seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.</p>	
<p>Sobre Santa Cruz dos Navegantes Há cerca de 45 anos atrás, quando vinha de Santos para a Praia da Pouca Farinha, fazia a travessia num barco a remos. Nessa altura apenas existia a praia, alguns caminhos e poucas casas de pescadores em madeira. A cerca dessas casas era feita com redes velhas de pesca e murões de madeira. Na comunidade existia o Sr. Barnabé o qual tinha algumas embarcações que utilizava para atravessar pessoas e não cobrava nada. Este senhor foi tão importante que a praça principal se chamava Praça Barnabé e não Praça do Mercado como é hoje conhecida. A catraia para fazer a travessia foi implantada na década de 70 do século XX. O entrevistado explicou que o símbolo da comunidade é o Chafariz da povoação. Este foi mandado edificar em 1953 por Dona Noquinha, moradora local e por Modesto Roma que foi Presidente do Santos Futebol Clube. A água que o abastecia vinha da Nobara. O chafariz foi recuperado em 2006, mas hoje o seu espaço encontra-se degradado e vandalizado.</p>	
<p>Sobre a sua vida O Sr. Orlando informou ser natural de Santos, tendo vindo morar na comunidade há 35 anos. Há cerca de 30 anos atrás, o Sr. Orlando alugava chatinhas de madeira e a remos. Hoje tem 3 chatinhas de alumínio que aluga para pescadores.</p>	
<p>Sobre a pesca artesanal De acordo com o entrevistado, há cerca de 30 anos atrás existiam mais pescadores de Camarão e também apanhavam peixe diverso, existindo muita tainha na época.</p>	
<p><u>As embarcações</u> A chatinha era utilizada para soltar rede para peixe enquanto que para o camarão era utilizado o bote de arrasto.</p>	
<p>Sobre sítios arqueológicos De acordo com o Sr. Orlando, existia no sítio Ceará um grande casarão de tijolo burro antigo, que terá sido derrubado e reutilizado. Hoje no local só existe mato e esse casarão ficava onde se localizava a caixa de água que abastecia a comunidade. Sobre naufrágios, o Sr. Orlando ouviu falar de um barco naufragado em frente à foz do rio Icanhema, talvez uns 50 m à frente. Outro barco naufragado localiza-se em frente ao canal 6 a ao Aquário de Santos. Segundo o Sr. Orlando as suas pontas ficavam de fora de água e machucavam os nadadores que batiam nelas.</p>	

¹⁶ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Regularização do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Oswaldo Rodrigues	Idade	64
Especialização	Pescador Artesanal		
Investigador	Pedro Narciso / João Simão	Data	01/06/2011

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	-
Município / Local	Santos		
Coordenada UTM Datum SA69			

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ¹⁷						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
-	Pesca Artesanal					x		
-	Sambaquis	x						
-	Navios naufragados		x					

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistou-se seu Oswaldo, barqueiro e pescador artesanal que nos ajudou no deslocamento pelos rios no atual projeto. Questionou-se sobre o seu conhecimento acerca elementos patrimoniais na região, bem como sobre as mudanças na paisagem.</p> <p>Sobre a sua vida Oswaldo Rodrigues nasceu em 1947 e foi criado em Santos e em Cubatão. Sempre foi pescador, aprendeu o ofício desde criança com o pai, com o avô e com o tio. Seu avô é de Portugal, mas veio para o Brasil ainda novo. Seu Oswaldo tem uma filha, mas ela não gosta de pescar.</p> <p>Sobre as transformações da paisagem Seu Oswaldo conta que rio Jurubatuba era um rio bonito, o ar era diferente, tudo era diferente. Tinha muita casa antiga e bem feita, muito sítio. Então, na década de 1980, a dragagem começou a tirar areia e levar pelo rio do Matador; isso modifica muita coisa. Rio Jurubatuba desaguava no Largo de Santa Rita, Ilha Barnabé nunca foi ilha, era emendado. Tiravam areia do rio Jurubatuba e lama do canal do porto. Jogavam no rio das Pedreiras. A Ilha dos Bagres era só mangue, não havia sítios. O Largo de Santa Rita era ligado com o Largo do Caneú, inclusive passavam chatões naquele caminho, já que era fundo. Rio Piruti, Laranjeiras e das Neves foram aterrados; este era um rio fundo; o rio do Viega também foi aterrado (fica perto do rio Cubatão); muitos lugares estão "arrasando" (ficando mais rasos).</p> <p>Sobre ruínas e coisas antigas Senhor Oswaldo diz que a Capela Nossa Senhora das Neves está ameaçada pelas pessoas que retiram as coisas dos lugares. Ele conheceu a capela já em ruínas.</p> <p>Sobre a tentativa e ocupação no Morro das Neves Seu Oswaldo nos informou que a Polícia Florestal viu que habitantes estavam desmatando o Morro das Neves para construir casas. Então Ibama proibiu a ocupação. Seu Oswaldo pensa que a possível ocupação viraria favela.</p> <p>Sobre Neves de Fora Seu Oswaldo conheceu muita gente que morava nas Neves de Fora, e a maioria vivia da pesca. Alguns trabalhavam nas docas. Havia casas bem feitas, de tijolo, mas foram todas desmontadas. Viviam por volta de 40 pessoas e saíram porque não tinham mais condições de viver ali, na década d 1980. "Nelinho" foi o último habitante, que saiu com uns 70 ou 80 anos e só saiu porque estava doente.</p> <p>Sobre navio naufragados</p>

¹⁷ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

Seu Osvaldo conta que um cais da Petrobras foi construído em cima de um barco naufragado, de ferro e com algumas partes em madeira. Conta também que muita gente não sabe o que tem embaixo da água. Os antigos dizem que são 4 ou 5 navios submersos quase beirando o canal, até a base aérea.

Sobre sambaquis

No Rio da Pedrerira, segundo o Seu Osvaldo, tem casca de ostra e marisco, lá em cima do morro. Dizem que é enchente que deu naquela época e maré secou, então tudo ficou à vista.

Sobre o ofício da pesca

O entrevistado nos diz que já trabalhou só no remo, já teve chata de madeira. Sua canoa media 5,5 metros e era bem rasteirinha e de cedro. Passava óleo diesel ou queimado para combater a craca. Pescou muito de tarrafa, de vara, de bambu, ou seja, pesca de linha. Levavam 3 varas no barco, pescavam robalo e vendiam para sobreviver. Depois pescou de rede tainha. Aí deu problema de poluição de óleo e ficou difícil vender peixe, pois não tinha como comê-lo. No Mangue do Cascalho havia muito piche. Então, muitos pararam de pescar. Seu Osvaldo pescava só em Bertioga e algumas vezes ia para Cananeia. Só começa a melhorar de novo em 1995, pois Ibama e CETESB passam a fiscalizar mais. Seu Osvaldo afirma que o estado da água melhorou muito.

Técnicas de pescaria

Seu Osvaldo fala sobre o jerivá, que é uma tarrafa embrulhada num cano na medida certa. Então, trabalha-se com arrastão. Não faz mal ao meio ambiente, pois não mata peixinhos (filhotes de peixe) em quantidade

Melhores áreas de pesca

Rio Casqueiro é o melhor rio para pescar: tem siri, camarão, peixe. Seu Osvaldo também diz que o Largo de Santa Rita ficou raso, então não é mais tão bom assim, mas ainda dá para pegar camarão.

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Dragagem de Aprofundamento do Canal de Navegação, Bacias de Evolução e Berços de Atracação do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Raimundo Rodrigues Barbosa	Idade	52
Especialização	Presidente da Associação de Moradores da Conceiçãozinha		
Investigador	Pedro Narciso / Wilson Marinho	Data	11/02/2010

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	-
Município / Local	Santos / Monte Cabrão		
Coordenada UTM Datum SA69	23K 0369260 / 7347995		

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ¹⁸						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns elementos da comunidade de pescadores de Conceiçãozinha, pela equipe de arqueologia de forma a questionar-se sobre o seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.</p> <p>Sobre a Conceiçãozinha O entrevistado recorda que quando chegou na comunidade existiam muitas famílias que ainda viviam de forma integral da pesca artesanal. A água do canal também era limpa. Na sua opinião, a desorganização urbanística do local começou com a implantação de grandes indústrias junto à comunidade, as quais atraíram grande número de pessoas carentes de outros locais que chegaram ali para trabalhar, acabando por ficar a viver na comunidade. A maioria das famílias exógenas vinham do Nordeste, chegando para trabalhar nas indústrias de pesca ou na construção civil. A firma Dow Química foi a primeira a implantar-se, em 1985 instalou-se a Cargil e em 1985-1986 a Cultrale. Na opinião do entrevistado a relação entre a comunidade caiçara e a comunidade imigrante era boa, as quais começaram a receber desde 1974 cartas para sair do local. Segundo o Sr. Raimundo, a Média faz muita pressão e divulga uma má imagem da comunidade de Conceiçãozinha. Na sua opinião isso deve-se à pressão que as indústrias fazem na Média, as quais, em geral, se recusam a dialogar com a comunidade. Hoje a comunidade conta com quase 6000 pessoas.</p> <p>Sobre a sua vida O Sr. Raimundo informou ser natural do Piauí, tendo chegado em 30 de Outubro de 1979 na Baixada Santista para trabalhar como operário da construção civil no Guarujá. Veio morar para a Conceiçãozinha em 1982. Foi diretor do Sindicato da Construção Civil da Baixada Santista e hoje está aposentado por invalidez devido a acidente no trabalho.</p> <p>Sobre a Associação de Moradores da Conceiçãozinha O entrevistado informou que em 2009 o Presidente da República deu aos moradores da comunidade o direito de posse da terra. Apesar de ter sido feito um censo com o nome dos vários moradores, muitos ainda não pegaram o título por não terem a documentação atualizada. O governo federal beneficiou com essa titularidade 1702 famílias, num total de 5735 pessoas. Entre estas encontram-se agregados familiares que viviam em regime de aluguel na data do cadastro feito pelo SPU, em Setembro de 2006. O critério de atribuição do título foi o de viver na comunidade há pelo menos 5 anos, de forma efetiva. Essas pessoas irão receber um lote e ter a posse da terra. Hoje a Associação procura dar a cada uma das famílias constantes na lista, o título de propriedade. Segundo o Sr. Raimundo, a Associação também defendeu a Lei Municipal que afirma que as comunidades caiçaras têm que viver no seu local de origem. Por fim, comentou que a relação com as outras associações caiçaras é boa.</p>

¹⁸ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

Ficha de Entrevista

Projeto	Libra Terminal - Diagnóstico		
Nome do Entrevistado	Ranulfo Castro Filho / Wilson da Silva Maria	Idade	45 / 55
Especialização	Pescadores Artesanais		
Investigador	Pedro Narciso / João Simão	Data	03/06/2011

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	-
Município / Local	Guarujá / Conceiçãozinha		
Coordenada UTM Datum WGS 84	-		

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ¹⁹						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
-	Fábrica de Chumbo			X				Sim
-	Farol			X				Sim
-	Cemitério	X						Sim
-	Barracão da "Santa Maria Mar"			X				Sim
-	Cais antigo	X						Sim
-	Capela	X						Não

Entrevista
<p>No dia 3 de junho de 2011 foram entrevistados na área do Terminal Libra, os dois funcionários avulsos contratados para o trabalho braçal de Diagnóstico Arqueológico, ambos pescadores artesanais locais, da comunidade caiçara da Conceiçãozinha, localizada na margem esquerda do Canal do Porto, em frente à Libra. A entrevista procurou recolher o maior número de referências acerca da paisagem antrópica antiga, antes da expansão do porto de Santos, na área da Libra.</p> <p>Sobre a História da área onde se implantou posteriormente o Terminal da Libra</p> <p>De acordo com os entrevistados, toda essa área da Ilha de São Vicente era ocupada por capim colunhão e Restinga na área interna, existindo na borda uma franja de Mangue. Existiam nessa área algumas habitações, cerca de 10, ao longo da orla do canal do Porto, todas em madeira, palafíticas. Algumas eram ocupadas por portugueses que criavam porcos. Além deles, existiam também japoneses que se dedicavam ao plantio de bambu, de forma sazonal. Todo o ano era cortado e replantado, pagando a brasileiros para cortar e carregar o mesmo. Nessa área morou o avô de Ranulfo, um dos entrevistados, próximo ao Armazém 35.</p> <p>No local também se encontrava o antigo lixão da Companhia Docas de Santos, que funcionou ali até a década de 70 do século XX. O lixo do Porto era transportado para o local através de uma trilha de ferrovia, num vagão.</p> <p>Dada a inexistência de água potável na comunidade caiçara da Conceiçãozinha, era comum os caiçaras que ali moravam deslocarem-se a essa área da margem direita para irem buscar água, uma vez que ali existia água encanada. O transporte da mesma e de pessoas entre as duas margens era feito em chatinhas de madeira, a remos.</p> <p>Segundo o Sr. Wilson, a área do Armazém 33 era conhecida pelos locais como "Velha Pomba", devido a uma idosa que detinha um bar e bordel no local, sendo um nome que perdurou até aos anos 70 do século XX.</p> <p>O Porto de Santos expandiu-se para aquela região na década de 70, de acordo com os entrevistados. Nesse período a antiga Companhia Docas de Santos adquiriu os terrenos e expropriou as famílias e pequenas empresas que ali funcionavam. Até então, o Porto de Santos localizava-se somente entre o Valongo e a bacia do Macuco, na área do bar do Sr. Galhado. De acordo com os entrevistados o cais mais recente nessa área do Terminal da Libra, é o que se estende da Polícia Federal à Ponta da Praia. Para a sua construção, trouxeram-se centenas de carretas de terra e pedras muito grandes para usar no aterro, tendo as obras durado cerca de 3 anos.</p> <p>Sobre os imóveis entretanto desaparecidos</p>

¹⁹ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

Na área onde foi implantado o PT 4, próximo ao Armazém 38, existia uma antiga Fábrica de Chumbo. Esta consistia num grande barracão de madeira, posteriormente refeito em concreto. A mesma já ali funcionava antes do Sr. Wilson, o entrevistado mais velho, nascer, portanto antes de 1955. Funcionou no local até à infância desse entrevistado, segundo ele.

No final dos terrenos da Libra, próximo ao local conhecido como “entreposto”, a cerca de 200 metros a Norte do mesmo, dentro de água a cerca de 100 m da margem, existia um farol. Tratava-se de uma bóia redonda de ferro, preta, posteriormente pintada de vermelho. A sua luz era intermitente durante 24 horas, usando combustível de carbureto, colocado em cilindros. Esse farol indicava a presença de baixios no local, indicando que a passagem da navegação deveria ser feita por fora e não no lado de dentro da bóia.

Já próximo ao Armazém 39, existia um cemitério antigo para a população local que vivia nessa área da orla do canal. O mesmo foi utilizado ali até à instalação da fábrica de chumbo, de acordo com fontes orais antigas que falavam esse ocorrido para os entrevistados quando eles eram jovens. Com a instalação da fábrica de chumbo, em algum momento da primeira metade do século XX, o cemitério passou a se localizar na área da Dow Química, na margem esquerda do canal do porto, tendo ali funcionado até à infância do entrevistado mais velho.

De acordo com os entrevistados, no local também existia um grande barracão de madeira, com cobertura de 2 águas, da empresa “Santa Maria Mar”, de armadores de pesca. Essa empresa produzia no local redes de arrastão para peixe e camarão, tendo funcionado ali até o porto se instalar no local. O peixe era descarregado no Entreposto e os barcos denominavam-se como parelhas, lembrando o Sr. Wilson que dois deles tinham os seguintes nomes: “Moura” e “Castro”.

Sobre os imóveis entretanto desaparecidos na Margem Esquerda do Canal do Porto

De acordo com os entrevistados, na área ocupada hoje pela Dow Química, próxima à Conceiçãozinha e em frente ao Terminal da Libra, existem ainda alguns vestígios de ocupações antigas, entre os quais: um cais antigo, algumas ruínas de uma antiga capela que ficava na beira da maré, já referenciada nos trabalhos de campo na comunidade durante um projeto anterior e ainda duas campas em tijolinho relacionadas com o antigo cemitério. Quando a empresa Dow se instalou, ela começou a aterrar a área, mas a capitania interditou essa ação, tendo ficado visível ainda algumas áreas naturais onde estão esses vestígios. Hoje o local está tomado por densa vegetação.

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Dragagem de Aprofundamento do Canal de Navegação, Bacias de Evolução e Berços de Atracação do Porto Organizado de Santos / SP		
Nome do Entrevistado	Sônia Regina Viccari Câmara	Idade	54
Especialização	Do Lar (Atualmente) / Secretária (Aposentada)		
Investigador	Pedro Narciso / Eduardo Staudt	Data	21/01/2010

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	4
Município / Local	Guarujá / Praia do Goes		
Coordenada UTM Datum SA69	23K 0366271 / 7345231		

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ²⁰						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns elementos da comunidade de pescadores da Praia do Goes, pela equipe de arqueologia de forma a questionar-se sobre o seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.</p> <p>O seu depoimento foi filmado em vídeo.</p>

²⁰ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

Ficha de Patrimônio Imaterial

Projeto	Centro Portuário Naval Offshore de Santos/SP <i>Dragagem de Aprofundamento do Canal de Navegação, Bacias de Evolução e Berços de Atracação do Porto Organizado de Santos / SP</i>		
Nome do Entrevistado	Valter Quirino	Idade	65
Especialização	Pescador Artesanal		
Investigador	Pedro Narciso / Wilson Marinho / Guilherme Galvez	Data	09/03/2010

Localização			
Estado	São Paulo	Segmento	-
Município / Local	Santos / Ilha Diana		
Coordenada UTM Datum SA69	23K 0366856 / 7354526		

Elementos Patrimoniais Detectados								
GPS	Item Patrimonial	Elementos patrimoniais ²¹						Inédito
		AT	AS	PHE	PHM	PI	PPC	
-	Pesca Artesanal					X		Não
-	Redes e Tarrafas Artesanais				X			Não
-	Pratos típicos					X		?
-	Embarcações artesanais				X			Não

Entrevista
<p>Durante os trabalhos de campo foram entrevistados alguns elementos da comunidade de pescadores de Ilha Diana, pela equipe de arqueologia de forma a questionar-se sobre o seu conhecimento acerca de vestígios arqueológicos e outros elementos patrimoniais na região.</p> <p>Sobre a sua vida O entrevistado informou que nasceu em Santos e que veio diretamente para a Ilha Diana. Em 13 de Maio de 1970 registrou-se como profissional de pesca, mas desde os 10 anos de idade que ajudava o pai na faina. Os seus filhos já representam na ilha a 3ª geração de moradores.</p> <p>Sobre a Ilha Diana O seu pai, veio tal como a Dona Dina, do Saco da Embira, onde moravam algumas famílias. No início a Ilha Diana não tinha água, luz elétrica ou escola, tendo tudo isso chegado em Setembro de 1983, segundo o entrevistado. Os responsáveis por esse desenvolvimento foram o Coronel Lino da base aérea e o Sr. Paulo Barbosa, prefeito de Santos na altura. O telefone veio posteriormente. Desde o início da comunidade que a pequena população da ilha se mantém unida, sempre se ajudando. A comunidade trabalha como uma família unida e sempre recusaram a entrada de pessoas estranhas para habitar no local. Assim são comuns os laços de parentesco entre todos. A única exceção que se recorda é a Dona Irany, uma senhora de Santa Cruz dos Navegantes que todos conhecem e que acabou por ficar a viver na Ilha.</p> <p>Sobre a pesca artesanal O entrevistado informou que a pesca hoje está melhor do que quando ele iniciou como profissional, pois existem os defesos, os auxílios do governo que ajudam a ter uma melhor situação econômica. No tempo em que era novo não existia nada desses apoios.</p> <p><u>As áreas de pesca</u> As áreas mais usadas pela comunidade para a pesca do Camarão Branco são o Canal de Bertioiga e a foz do rio Diana, bem em frente à Ilha.</p> <p><u>As redes caiçaras</u> As redes eram artesanais de cordoné e a tarrafa era de linha 10. A rede de polietileno surgiu somente há 30 ou 40 anos, tendo recebido o apelido de "Feiticeira", pois pega peixe mesmo onde ele não abunda. Essas redes novas levam muito tempo a desaparecer continuando a matar peixe nos locais onde é abandonada ou perdida. As redes tradicionais eram feitas de algodão entrançado, o qual cozinhava em água fervente durante pouco tempo</p>

²¹ AT (Arqueológico Terrestre), AS (Arqueológico Subaquático), PHE (Patrimônio Histórico Edificado), PHM (Patrimônio Histórico Móvel), PI (Patrimônio Imaterial) e PPC (Patrimônio Paisagístico Cultural).

com casca de Jacatirão, uma árvore local. O algodão ficava com uma coloração de vinho tinto. A rede era banhada durante 10 vezes, colocando-se a secar por 30 minutos entre cada banho. Essa tinta natural protegia a rede e a fibra de algodão, dando-lhe maior resistência. A tinta saía de semana a semana e para adquirir novamente a coloração e resistência, eram dados novos banhos à rede.

O entrevistado comentou que se hoje ainda usasse a rede artesanal morreria de fome uma vez que ela não apanhava tanto peixe como a industrial. A artesanal pescava muito no Passado, porque havia mais peixe também.

O Pescado

O tipo de pescado mais comum, é o Camarão Branco, o qual não tem defeso para os pescadores artesanais. Durante a safra pescam um pouco de Robalo, sendo que a Tainha e a Ostra não têm mais. É comum também a coleta de caranguejo vermelho do Mangue, cujo defeso é de Outubro a Dezembro.

As embarcações

De acordo com o entrevistado, a embarcação local mais comum hoje em dia é a lancha ou “voadeira” como é designada popularmente (pequena embarcação em alumínio). Normalmente são equipadas com um motor de popa com 15 CV e desde há 20 anos que é a mais utilizada.

O entrevistado recorda que quando era mais novo, a embarcação mais usada era a chatinha com motor de centro (fixo) ou a remos, mas sempre feitas em madeira de pinho ou Peroba. As chatinhas da Ilha Diana eram de proa e popa. Estas embarcações tinham um tratamento especial do seu casco, sendo necessário passar a tinta envenenada, a cada 5 ou 6 meses. Esse processo levava cerca de 3 ou 4 dias com a embarcação em terra. Porém hoje em dia ninguém mais usa essa tinta. Alguns barcos de fundo era feito na madeira de Cedro que é uma madeira amarga, sendo que a Craca não agarrava facilmente a esta.

A embarcação antiga mais vulgar de todas era a canoa monóxila. O processo de fabrico da mesma iniciava com a escolha e o corte de uma árvore de grande porte da Mata Atlântica num dos morros da Baixada Santista. Uma vez no chão, 5 a 8 pessoas da comunidade limpavam a madeira e talhavam a mesma no local do derrube, dando-lhe a forma bruta, utilizando enxós, goivas e machados. Era retirado ainda nesse local o miolo do tronco de forma a fazer o poço da canoa. Esse trabalho levava cerca de 1 mês a fazer e após o mesmo, reunia-se um motirão de pessoas da comunidade para irem buscar a canoa, com madeira ainda verde e pesada. Era transportada sobre rolos de madeira, do local onde se encontrava no Morro, até entrar na água de um rio e a partir daí já era levada para a Ilha Diana, por remos, sendo os acabamentos dados na Ilha. Essas canoas chegavam a ser espaçosas o suficiente para transportar 5 a 6 homens adultos. As madeiras de eleição para as canoas eram o Guapuruvu e o Ingá, porém a técnica e manufatura e as próprias canoas quase desapareceram depois da proibição do IBAMA que não permite o corte de madeira de lei.

As catraias surgiram a partir da década de 80 para o transporte de pessoas e os botes maiores de pesca também não eram utilizados.

As técnicas

As técnicas mais usadas são a de arrasto, com a rede presa à chatinha, a de tarrafa de fundo, feita no meio do canal e a com Jerivá (rede de arrasto). Antigamente era comum a pesca de cerco para tainha ou robalo. Era feita em áreas de maré corrente, uma vez que esses peixes só andam contra a maré.

Uma técnica de pesca bem antiga era a do “Trimbobó”, utilizada somente à noite. Era feita de canoa, junto da margem com um pifó (archote feito de cana de bambu), ardendo e iluminando a margem. O peixe encandiado saltava da água e batia na rede esticada a bordo caindo dentro da canoa.

A coleta de ostra era feita com martelho e talha.

Sobre a arquitetura caiçara

O Sr. Valter informou que até há cerca de 40 anos atrás, todas as casas da Ilha eram em madeira e palafíticas.

Sobre a cultura caiçara

O Sr. Valter informou que os pratos típicos dos caiçaras são:

3. A tainha recheada;
4. O camarão frito.

Sobre sítios arqueológicos

O Sr. Valter informou não conhecer nenhum sítio arqueológico ou naufrágio na região.

Sobre as festas tradicionais

O padroeiro da comunidade da Ilha Diana é o Bom Jesus de Guape, o qual é cultuado em capela a ele consagrada, localizada no centro da comunidade. A festa em sua honra acontece todo o dia 6 de Agosto.

Sobre causos

Quando questionado sobre o assunto disse não se recordar de nenhum.

3. INVENTÁRIO DE BENS IMATERIAIS DA BAIXADA SANTISTA

Foto	Bem imaterial	Localização	Coordenada	Período	Descrição
	Redes Caiçaras	Baixada Santista	-	-	Redes de cordoné. Redes de 2 nós, redes de 1 nó e tarrafas feitas de fibras naturais, biodegradáveis.
Informação Oral	Técnicas de Pesca Artesanal	Baixada Santista	-	-	Técnica de pesca do camarão 7 barbas com bote, pesca de rede nas chatinhas, técnica de cerco (proibida), técnica da pesca de arrasto com 2 barcos artesanais (extinta), pesca de cerco com canoa monóxila no costão rochoso (extinta), técnica de pesca do Trimbobó (extinta).

Foto	Bem imaterial	Localização	Coordenada	Período	Descrição
Informação Oral	Festa da Bandeira	Baixada Santista	-	-	Festa da Bandeira, em Junho, em que por tradição uma bandeira partia da Conceiçãozinha para as Neves e daí para Canhambora próximo ao início do Canal de Bertioga. Ano após ano, a bandeira era levada de local para local (extinta).
Informação Oral	Gastronomia Caiçara	Baixada Santista	-	-	Azul Marinho, Camarão Frito e a Sopa de Camarão.

Foto	Bem imaterial	Localização	Coordenada	Período	Descrição
	Licor de Genipapo Artesanal	Conceiçãozinha Guarujá	23K 0369315 7348016	-	<p>Elaborado pelo Sr. Manuel Pimentel.</p> <p>No final de 2010, o Sr. Manuel cortou a árvore de Genipapo que produzia a fruta no seu quintal, colocando fim a esta tradição.</p>
Informação Oral	Produção de balaios artesanais	Conceiçãozinha Guarujá	-	-	Produzido pelo Sr. Nemésinho.

Foto	Bem imaterial	Localização	Coordenada	Período	Descrição
	Causos Diversos	Conceiçãozinha Guarujá			<p>O caso do tesouro e das chagas. O caso dos botos O caso da Caipora</p>
Informação Oral	"Causos" com Incidentes com Navios	Baixada Santista			<p>Inúmeros incidentes envolvendo navios diversos, ao longo da História do Porto Organizado de Santos. Incidentes sem vítimas, apenas danos materiais, envolvendo colisões com o cais, dolphins ou entre navios.</p>

Foto	Bem imaterial	Localização	Coordenada	Período	Descrição
	<p>“Morros” da Ilha Barnabé</p>	<p>Ilha Barnabé Santos</p>	<p>-</p>	<p>-</p>	<p>No local, próximo ao terminal da COPAPE e Largo de Santa Rita, está associado um caso de um fantasma de uma mulher e criança que descem a encosta de mão dada à noite. De acordo com as fontes orais, todos os funcionários do turno da noite se recusam a fazer a medição do Tanque 3, durante esse período.</p>
	<p>“Causo” da Rocha dos Quatro</p>	<p>Serra do Mar</p>	<p>23K 0385273 7372605</p>	<p>1ª década Século XX</p>	<p>Trata-se de um caso que relata a morte de 4 funcionários que abriam o caminho para a trilha do trolley e canal adutor. Num dos tiros, uma carga não explodiu e quando foram ao local verificar, deram com a ponteira nessa banana que explodiu e matou os 4 homens. A rocha possui marcas de perfuratriz manual (ponteiro e marreta) e perfurações para colocar as cargas (bananas) de dinamite. Também pode ser observado um grampo de apoio / fixação em ferro, cravado na rocha.</p>

Foto	Bem imaterial	Localização	Coordenada	Período	Descrição
	<p>“Causo” Volta Grande</p>	<p>Serra do Mar</p>	<p>23K 0386593 7370445</p>	<p>Século XX</p>	<p>Curva mais larga da trilha pedestre na Serra, onde contam os antigos que existia uma assombração. No local, era costume ver um padre guardando um bando de perús e por isso quem andava na trilha evitava essa parte.</p>
	<p>Antigo local da Capela de Nossa Senhora de Aparecida</p>	<p>Praia do Góes Guarujá</p>	<p>23K 0366286 7345250</p>	<p>Século XX Década 60</p>	<p>Foi uma obra de cariz espiritual para a comunidade, realizada pela Sociedade Melhoramentos e Amigos da Praia do Góes. Foi realizada em estacaria de madeira e cobertura de sapé. A imagem original encontra-se guardada por uma moradora local. Hoje resta apenas o local da sua implantação.</p>

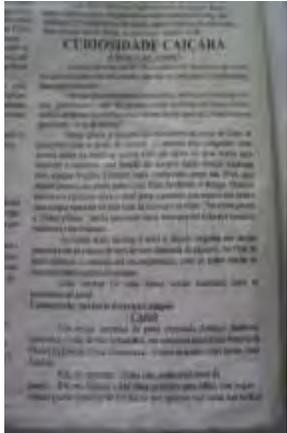
Foto	Bem imaterial	Localização	Coordenada	Período	Descrição
	Pesca da Tainha	Praia do Góes Guarujá	-	Século XIX ? Até Década 70 do século XX	Pesca típica da tainha realizada na enseada da Praia do Góes, documentada por boletim informativo da Associação local e descrita no corpo do relatório.
Informação Oral	Festa da Tainha	Praia do Góes Guarujá	-	Século XXI Desde 2001	Festa tradicional promovida pela Associação de Moradores da Praia do Góes para a sociedade em geral. Acontece anualmente em Junho ou Julho e faz parte do roteiro turístico do Guarujá.
	Artesanato em PET	Monte Cabrão Santos	-	-	Produzido por uma senhora em Monte Cabrão.

Foto	Bem imaterial	Localização	Coordenada	Período	Descrição
Informação Oral	Artesanato em Fuxico e Escamas de Peixe	Monte Cabrão Santos	-	-	Algumas mulheres que se dedicam ao fuxico e a artesanato com escamas de peixe, porém estas duas atividades foram criadas e têm sido dinamizadas pela EMBRAPORT, através da sua mediadora social.
Informação Oral	Festas de Padroeiros	Monte Cabrão Santos	-	-	Monte Cabrão: 29 Junho (São Pedro).
Informação Oral	Outras Festas	Monte Cabrão Santos	-	-	Monte Cabrão: 23 Julho

Foto	Bem imaterial	Localização	Coordenada	Período	Descrição
	Causos Diversos	Ilha Diana Santos	-	-	Espíritos da Ilha Diana. Lobisomem do Saco da Embira.
Informação Oral	Festa do Bom Jesus de Guape	Ilha Diana Santos	-	-	Ilha Diana: 6 Agosto (Bom Jesus)

Foto	Bem imaterial	Localização	Coordenada	Período	Descrição
	Áreas de Pesca Tradicionais	Baixada Santista	-	-	Rios subsidiários do Canal do Porto, Canal do Porto, Mangue, Barra (Forte de Itaipu ao Farol da Moela) e Orla.
	Associação de Moradores da Conceiçãozinha	Conceiçãozinha Guarujá	23K 0369499 7348024	-	A Associação foi fundada no início da Década de 80 do século XX.
	União de Pescadores do Sítio Conceiçãozinha	Conceiçãozinha Guarujá	-	-	A UNIPESC foi fundada em 1977, mas somente viria a ser aprovada após o fim da ditadura militar, depois de 1984.

Foto	Bem imaterial	Localização	Coordenada	Período	Descrição
Informação Oral	Sociedade de Melhoramentos de Monte Cabrão	Monte Cabrão Santos	--	--	Associação de moradores local
Informação Oral	Colônias de pescadores Z3	Colônia Z3 Vicente de Carvalho Guarujá	23K 0366896 7351959	Atual	Colônia de Pescadores principal na margem esquerda do Canal do Porto.

Foto	Bem imaterial	Localização	Coordenada	Período	Descrição
	<p>Sociedade Melhoramentos e Amigos da Praia do Góes</p>	<p>Praia do Góes Guarujá</p>	<p>23K 0366271 7345231</p>	<p>1962 a 1968</p>	<p>Fundada em 1962 e extinta em 1968, poucos anos após a morte do seu fundador, o senhor Vasco Câmara. Foi responsável por várias obras e eventos culturais no curto período que funcionou: caixa de água, capela da padroeira, linha de transmissão de energia, Cantos de Reis e festas juninas, por exemplo. Hoje “sucede-lhe” a Associação de Moradores da Praia do Góes, fundada em 2000.</p>
	<p>Capela de Nossa Senhora de Aparecida</p>	<p>Praia do Góes Guarujá</p>	<p>23K 0366286 7345250</p>	<p>Século XX Década 60</p>	<p>Foi uma obra de cariz espiritual para a comunidade, realizada pela Sociedade Melhoramentos e Amigos da Praia do Góes. Foi realizada em estacaria de madeira e cobertura de sapé. A imagem original encontra-se guardada por uma moradora local. Hoje resta apenas o local da sua implantação.</p>